



MÔNICA E CEBOLINHA



Maurício



Maurício

NIQUEL NÁUSEA



FRANK & ERNEST

Thaves



OS BICHOS

Fred Wagner



FRANK & ERNEST

Bob Thave

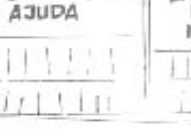
OS BICHOS

Fred Wagner



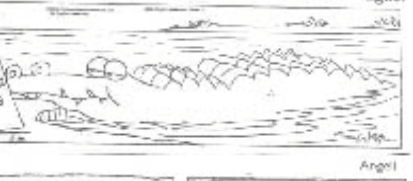
FRANK & ERNEST

Bob Thave



Jim Medick

Fred Wagner



CHICLETE COM BANANA

Angeli



WINTHROP

Dick Cavalli



NANCY

Jerry Scott



OS BICHOS

Fred Wagner



Super-exposição fotográfica

Fred Wagner



OS BICHOS

Fred Wagner

Maria Emília Pecktor de Oliveira

Trabalhando a Leitura após a Infância:
um Estudo de Caso com os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio
do Instituto Estadual Rio Branco.

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquivologia, Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação.

Orientadora:

Prof^a. Eliane Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora: Prof^a. Dra. Wrana Maria Panizzi

Vice Reitor: Prof. Dr. José Carlos Ferraz Hennemann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a Márcia B. Machado

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe : Prof. Valdir Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

Prof^a Iara B. Neves

O48t Oliveira, Maria Emília Pecktor de

Trabalhando a leitura após a infância: um estudo de caso com os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio do Instituto Estadual Rio Branco / Maria Emília Pecktor de Oliveira; orientadora Eliane Lourdes da Silva Moro. – Porto Alegre, 2004.

80 f.

1. Incentivo ao gosto pela leitura 2. Adolescentes I. Moro, Eliane Lourdes da Silva. II. Título.

CDU

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Tel.: (51) 3316-5146

Fax: (51) 3316-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Emília Pecktor de Oliveira

TRABALHANDO A LEITURA APÓS A INFÂNCIA:
um Estudo de Caso com os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio
do Instituto Estadual Rio Branco

Porto Alegre, 12 de julho de 2004

Prof^a. Eliane Lourdes da Silva Moro
Depto. De Ciências da Informação - UFRGS

Porf^a. Lizandra Brasil Estabel
Depto. De Ciências da Informação - UFRGS

Bibliotecária Nilse Terezinha Pires de Oliveira
Instituto Estadual Rio Branco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais: meus melhores amigos e os grandes mestres da minha vida!

Aos meus antepassados, especialmente à minha querida Vó Verlaine, que partiu para o mundo espiritual quando eu me encontrava na metade do curso. Eternas saudades...

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinho, pelo apoio e carinho.

À minha orientadora, Eliane Moro, que me fez perceber quão grandiosa é a nossa profissão, e a exercê-la com muito amor e determinação.

Aos meus colegas de Faculdade e amigos que lá encontrei, por terem sido excelentes companheiros nesta breve jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos aqueles que, de alguma maneira, colaboraram na elaboração deste Trabalho, especialmente à bibliotecária do Instituto Estadual Rio Branco, Nilse Terezinha Pires de Oliveira, pelo auxílio durante o processo de coleta dos dados e pelas dicas profissionais durante o período de Estágio Curricular

E também à minha orientadora, Eliane Moro, que confiou na minha capacidade, instigando o meu raciocínio crítico, e me mostrou o lado humano da profissão de bibliotecária.

***“Se a gente não se apressa e transforma
o mundo, logo o mundo transforma a
gente!”***

Mafalda

RESUMO

Trata da questão da leitura de alunos dos ensinos fundamental e médio de uma escola de Porto Alegre, identificando suas carências informacionais e verificando como acontece seu contato com a leitura e como a leitura pode ser incentivada e trabalhada, de forma prazerosa, nesse meio. Constitui-se de um estudo de caso, no qual foi aplicada uma entrevista semi-estruturada para se chegar aos resultados pretendidos, além da observação direta feita pela entrevistadora no ambiente estudado. Apresenta referencial teórico que irá fundamentar os resultados obtidos ou que servirão de base para a contestação com a realidade observada. Trabalha com a questão da importância da biblioteca escolar para a formação do leitor e a carência de programas de incentivo à leitura para adolescentes e adultos alfabetizados. Ao final, sugere atividades que despertem os jovens para o prazer e para a importância da leitura, tomando como base a análise dos resultados obtidos através da entrevista e da observação.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Incentivo à leitura. Formação do leitor. Adolescentes. Ensino Fundamental. Ensino Médio.

ABSTRACT

Deals about the matter of reading with students of the fundamental and middle level of a school in Porto Alegre, identifying your informational lacks, and verifying how occurs their contact with reading and how reading can be encouraged and worked, in a pleasure way, in this middle. It consists on a case study, where it will be applied an semi-structured interview to reach the pretended results, besides the observation done by the interviewer on the studied environment. Presents theoretical reference that will ground the obtained results or that will serve as foundation to the contestation with the reality observed. Deals about the importance of the school library to the structure of the reader and the shortage of programs that incentivate the reading with alphabetized teenagers and adults. At the end, it pretends to suggest activities that awakes on the youngers the pleasure and the importance of reading, having as basis the analysis of the obtained results through the interview and the observation.

Keywords: School library. Icentive for reading. Reader formation. Teenagers. Fundamental instruction. Middle instruction.

SUMÁRIO

	P.
APRESENTAÇÃO.....	11
1 INTRODUÇÃO	18
2 A BIBLIOTECA ESCOLAR E O PAPEL DA LEITURA	21
2.1 A importância do ato de ler.....	23
3 INCENTIVANDO O GOSTO PELA LEITURA E FORMANDO VERDADEIROS LEITORES	25
3.1 Exemplos que deram certo	29
3.1.1 <i>International Reading Association (Associação Internacional de Leitura)</i>	29
3.1.2 <i>Reading Is Fundamental (Ler é Fundamental)</i>	31
3.1.3 <i>Programa Nacional de Leitura (PROLER)</i>	32
3.1.4 <i>Associação de Leitura do Brasil (ALB)</i>	33
4 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR	35
5 PASSO A PASSO DOS CASOS ESTUDADOS	40
5.1 Primeira Fase das Entrevistas	40
5.1.1 <i>Análise dos dados coletados</i>	43
5.2 Segunda Fase das Entrevistas	53
5.2.1 <i>Análise dos dados coletados</i>	54
6 CONCLUSÕES	61
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A – Entrevista Primeira Fase	69
APÊNDICE B – Entrevista Segunda Fase	71
APÊNDICE C - Cartilha	73
APÊNDICE D – “Quem lê o quê?”	77

APRESENTAÇÃO

Por mais que eu tente, simplesmente não consigo me lembrar qual foi o primeiro livro da minha vida! Foram tantos que o primeiro, infelizmente, perdeu-se na história. Com certeza eu faço parte de uma minoria de brasileiros que têm acesso aos livros e teve isso durante toda a sua vida. Desde pequena, minhas babás foram os livros. Quando ainda não sabia ler, meus pais nos davam, a mim e aos meus irmãos, livrinhos com pequenos discos de vinil que "contavam" as clássicas histórias infantis. Com o passar do tempo, o prazer de ouvir aquelas histórias começou a despertar a curiosidade por outras histórias, que só existiam nos livros.

Meu pai sempre foi um grande leitor. Graças a isso, até hoje é o nosso dicionário ambulante e a nossa enciclopédia humana. Minha mãe, de origem um pouco mais humilde, adquiriu o gosto pelos livros um pouco mais tarde. Mas uma vez conquistado, nunca mais parou de ler, inclusive está começando um novo título, presente do Dia das Mães, diga-se de passagem, enquanto escrevo estas linhas. Vê-la sentada na poltrona lendo é uma cena que não via com muita frequência durante a minha infância. Quando se tem quatro filhos para criar e uma casa para cuidar, realmente torna-se difícil parar simplesmente para ler. Ainda assim, paramos para ver televisão, para conversar ao telefone, para dormir depois do almoço, para jogar conversa fora com a vizinha. É uma questão cultural, mas que pode e deve ser mudada. Hoje, com os filhos já crescidos, o tempo livre da minha mãe é dividido entre fazer crochê e ler um livro.

Conhecendo a história da minha mãe e de tantas outras pessoas que já passaram pela minha vida com histórias semelhantes à dela é, no mínimo, provocante ouvir em sala de aula a teoria de um "grande" autor, "papa" no que diz respeito à leitura: "a idade áurea

para conquistar um leitor é até os 12 anos de idade”. Somos obrigados a "engolir" teorias deste tipo, que só fazem o nosso país andar para trás.

Durante a disciplina de Incentivo à Leitura, ministrada pela professora Eliane Moro, fui despertando para questões ligadas à profissão do bibliotecário, que passam muito longe das tabelas de classificação e das fichas catalográficas, e de qualquer outro conteúdo técnico que pode ter sido passado ao longo do curso. Uma delas: a função de educador que está implícita na profissão do bibliotecário, principalmente daqueles que trabalham em bibliotecas escolares. Quem nunca vivenciou esta realidade, não faz idéia da importância que este profissional tem, uma vez que ele complementa basicamente todo conteúdo que é dado em sala de aula. O bibliotecário que atua na escola tem que saber português, química, geografia, história, física, literatura, matemática e até inglês! Desempenha o papel de vários professores em um só, embora nem sendo professor de fato, e ainda tem que se desdobrar para dar conta do recado, devido à falta de profissionais qualificados atuando em bibliotecas escolares.

O período de estágio curricular, realizado no Instituto Estadual Rio Branco, sob orientação da bibliotecária Nilse Terezinha Pires de Oliveira, serviu para consolidar as impressões que tive ao longo da disciplina citada anteriormente, e me mostrou muitas outras questões que eu nunca poderia imaginar se não tivesse visto com os meus próprios olhos, se não tivesse vivenciado de corpo e alma. A realidade a qual estou me referindo vai muito além dos dados quantitativos revelados pelos órgãos oficiais do governo, no que diz respeito aos hábitos de leitura dos adolescentes brasileiros.

“Alguma coisa está errada!” Este é o primeiro pensamento que tenho ao conversar com um jovem muito comunicativo e inteligente, filho de advogados, que sempre foi incentivado para ler, e que ‘simplesmente’ perdeu o interesse pela leitura com o passar

dos tempos. Durante uma conversa informal, comecei a entender os seus motivos e de muitos outros jovens que têm uma história parecida com a dele.

A forma como a leitura é tratada e trabalhada na escola, não incentiva os jovens a lerem. A leitura obrigatória é feita apenas pela nota, e não pelo prazer. Quando cessa a pressão, a obrigação pela nota, ou seja, quando o aluno sai da escola, ele não se tornou um leitor. Acredito que a grande falha de Bamberger esteja aí: você pode incentivar uma criança de até 12 anos a ler e transformá-lo em leitor, mas ele não continuará (grifo do autor) sendo um leitor, se o prazer pela leitura for arrancado dele nos anos seguintes da sua vida, em aulas entediantes de literatura, ou pelos duros métodos de avaliação que um professor empregar, ou pelo estímulo equivocado que os professores possam dar àquele jovem.

Conversando com esses adolescentes, entrei no túnel do tempo e lembrei da minha história, enquanto ainda aluna no Ensino Fundamental e Médio, e, por incrível que pareça, em alguns pontos me identifiquei com as histórias deles.

Aos 14 anos de idade li Machado de Assis e, logo em seguida, José de Alencar. Não tive muitas dificuldades e até gostei da leitura. Naquela época, meu pai já estava aposentado e passava muito tempo comigo e com os meus irmãos. Quando tive que ler estas obras, ele abriu as portas da biblioteca e me mostrou sua coleção dos autores citados. Apesar de aqueles livros terem sempre estado lá, eu nunca havia dado a eles a menor importância. Quando peguei “Dom Casmurro” nas minhas mãos e abri aquela edição de 1950, sentindo aquele cheiro característico das obras antigas e apreciando a textura diferenciada daquele papel, parecia que o mundo havia parado ao meu redor. Fui correndo pro meu quarto para começar a minha leitura! Logo na primeira página, apesar de tanto entusiasmo, levei uma verdadeira rasteira do vocabulário! As palavras que eu

não conhecia eram tantas que, mesmo que eu fizesse um esforço sobrenatural, não conseguiria entender um parágrafo! Fui correndo pro meu pai, óbvio! “Pega o dicionário” ele falou, como sempre falava! E lá fomos nós! Depois disso, passei a carregar o dicionário junto com o livro e aquelas palavras desconhecidas nunca mais me causaram problemas.

Esta atenção que tive, principalmente do meu pai, é uma coisa que poucos jovens têm atualmente. Na maioria dos lares, os pais estão ausentes. Ambos precisam trabalhar para conseguirem o sustento da família. Quando o jovem se depara com esta questão da leitura (relativamente simples se comparada a tantas outras mais urgentes, como as drogas, por exemplo) ele não tem para onde ir, não tem a quem recorrer. O assunto é tratado em sala de aula, com o professor e, os pais, geralmente, não ficam sabendo se o filho está ou não gostando de ler determinado livro, se tem ou não alguma dificuldade de leitura e, conseqüentemente, não fazem nada para ajudá-lo.

O que eu quero salientar é que a participação dos pais é importantíssima, não só nos primeiros anos de vida, ou de idade escolar, mas ao longo do desenvolvimento do jovem, auxiliando-o nas suas dificuldades, se mostrando presente, introduzindo a ele novos assuntos, diferentes daqueles que são tratados na escola, oferecendo material de leitura, entre outros. Por mais que isso esteja se tornando difícil atualmente, caímos de novo naquela questão da cultura do nosso povo.

Tive a oportunidade de morar dois anos no Estado de Maryland, nos Estados Unidos, justamente no período correspondente a 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Apesar de não saber o idioma, tive que me adaptar ao esquema da escola e realizar as atividades propostas, assim como os meus colegas. Havia uma professora que falava espanhol e contribuiu muito para que eu me adaptasse com mais facilidade. A leitura nos

Estados Unidos, bem como nos países de primeiro mundo, é levada muito à sério, mas a sua cobrança é feita de uma forma diferente.

Enquanto aqui no Brasil temos que ler determinado livro (grifo do autor) e depois responder a questões fechadas (grifo do autor) sobre aquele livro, nas famosas interpretações de texto ou fichas de leitura, nos Estados Unidos a escolha do livro é livre, e também a forma de avaliação. O aluno pode escolher de que maneira quer apresentar aquele livro para a turma: através de um teatrinho, vestindo-se a caráter e contando a história para a turma, fazendo pequenas lembranças para distribuir aos colegas (tais como os marcadores de livros, muito utilizados naquele país), entre outras. A professora avalia se o aluno havia terminado de ler o livro que ele escolhera no tempo proposto, se ele havia compreendido a essência do texto, a dicção no momento da apresentação e a originalidade na escolha da forma de apresentação. Este tipo de atitude estimulava, de fato, a criança para a leitura, além de instigar a criatividade.

Essa história, me fez lembrar que sempre fui péssima nas provas de interpretação de texto nas escolas aqui do Brasil. Apesar de, no início ter tido alguma dificuldade com o idioma, nunca tive problemas com a interpretação de texto enquanto estudava no exterior. O motivo: a bagagem cultural que cada um carrega é diferente da bagagem do outro. Os pontos de vista também são diferentes. Daí a dificuldade e o equívoco, de se avaliar um texto com questões fechadas. Interpretar um texto com as minhas próprias palavras, e baseada nas minhas experiências e na minha maneira de ver os fatos, é muito mais enriquecedor. Talvez por isso eu tenha gostado tanto de Machado de Assis: a prova que a professora ministrou era em forma de júri: tínhamos que julgar a Capitu, uma das personagens principais do texto. A turma toda se mobilizou, todo mundo queria ler o livro, uns queriam acusar, outros queriam defender, e a professora seria a juíza. Resultado:

todos ficaram com 10 e, ninguém daquela turma pode dizer, hoje em dia, que detesta Machado de Assis! E a Capitu, foi absolvida!

Durante o meu tempo de escola, tive dois grandes traumas com os livros: o primeiro foi quando eu estava no 1º ano do Ensino Médio. Fui obrigada a ler “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, com apenas um mês (ou nem isso!) de intervalo de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. Já havia lido “O Cortiço” meio aos “trancos e barrancos”, mas agüentei firme até o fim. Quando comecei o outro livro, minha cabeça estava saturada de senhorzinho pra lá, mil-réis pra cá, “vós micês”... E depois os nomes dos autores. Acho que foi do trauma, porque até hoje confundo Manuel Antônio de Almeida com Aluísio Azevedo. Pode ser pelo excesso de ‘A’s! Resultado: cheguei a ter febre lendo Memórias... e até hoje não consigo nem olhar para a capa do livro, que tenho calafrios. Achava que nunca mais sentiria tanta repulsa por um livro até que li “Macunaíma”.

Estava no 3º ano do Ensino Médio. Mil novecentos e noventa e oito foi um ano complicado na minha vida. Naquela época eu morava em Valparaíso de Goiás, uma cidadezinha perto de Brasília, minha terra natal. Minha irmã havia sido aprovada para o curso de Letras na UFRGS, e o pai resolveu, então, que estaríamos nos mudando para Porto Alegre naquele ano. Conforme o planejado, em março de 1998 viemos para o Rio Grande do Sul e fomos morar, primeiramente, na praia de Imbé, onde o pai tinha uma casa de veraneio. Vale colocar que eu já havia começado o 3º ano em Brasília, devido ao fato de que lá as aulas nos colégios particulares geralmente começam em fevereiro. Após ter superado o choque da mudança, me adaptei maravilhosamente bem no novo colégio na praia e estava gostando muito de lá, quando resolvemos nos mudar para Porto Alegre.

Duas mudanças, no último ano de escola, não é nada fácil. Tinha que me preparar para o vestibular e assimilar todas aquelas mudanças com apenas 16 anos de idade. Infelizmente, não me adaptei tão bem ao colégio daqui. Fora a falta de entrosamento com os colegas, também não me adaptei com os professores, principalmente a professora de Literatura. E eis que ela nos obriga a ler “Macunaíma”, de Mário de Andrade! Li muito contrariada, e fui para a prova de interpretação de texto. É óbvio que fui muito mal. Depois de discussões com a professora, tentando mostrar pra ela que a interpretação de um texto é uma questão muito pessoal, nunca mais tive vontade de ler qualquer outra obra daquele autor. Inclusive fiquei um bom tempo sem ler absolutamente nada, até mesmo as leituras obrigatórias para o vestibular, tamanho era o meu desgosto.

Ainda assim, depois deste período de sofrimento, mantive o gosto pela leitura e continuei sendo uma boa leitora, apesar de um pouco atrapalhada, principalmente quando resolvo ler mais de um livro por vez. Felizmente, estou conseguindo controlar este impulso! Eu consegui superar toda essa fase porque sempre tive o acompanhamento dos meus pais e da minha avó, que também foi um exemplo de leitora na minha vida, e tive a sorte de ter passado por professores conscientes das suas responsabilidades enquanto educadores e formadores de cidadãos.

1 INTRODUÇÃO

*“Alguns livros nos deixam livres;
outros nos tornam livres.”*

(Ralph Waldo Emerson)

Cada vez mais se agrava a questão da falta de leitura na sociedade brasileira, principalmente entre adolescentes e adultos. Existem diversos programas de incentivo à leitura para as crianças, dentre eles a Hora do Conto e outras atividades executadas em sala de aula. A partir do momento em que a criança se torna adolescente, a leitura deixa de ser diversão e passa a ser obrigação: leituras obrigatórias para o vestibular, interpretação de textos em sala de aula, leituras obrigatórias do próprio colégio, pressão por parte dos pais, fichas de leitura, entre outros.

Os adultos, que ainda se encontram em fase escolar, também vivenciam esse problema, porém encarando uma realidade diferente. Muitos simplesmente não têm tempo para ler devido ao trabalho, à atenção que devem dedicar à família, entre outros. Utilizam a leitura como uma forma de sobrevivência: lêem, mesmo que inconscientemente, o nome do ônibus que precisam pegar, algum anúncio num *outdoor*, o encarte de um produto, a bula de um medicamento; folheiam o jornal lendo rapidamente apenas aquilo que realmente lhes interessa, e passam anos e anos sem ler um livro.

A leitura tem um papel fundamental para a formação do cidadão na sociedade. O contato direto com a leitura, transformando o simples hábito em prazer, pode ajudar a resolver diversas questões, inclusive sociais, tais como exclusão social, desemprego e, conseqüentemente, a fome, a pobreza, a marginalização, assim como a indiferença diante de fatos que acontecem no dia-a-dia e/ou que fazem parte da história. A leitura enriquece

culturalmente o homem, qualificando-o, atualizando-o e fazendo com que ele desperte para determinadas situações na vida, as quais, sem a leitura, ele não teria condições para julgar e tomar decisões.

É preciso que seja ressaltada a importância da leitura na vida de qualquer ser humano. Na escola, o ato de ler é trabalhado com o foco no presente, naquele momento, sendo esquecida a importância que a leitura continuará tendo, mesmo depois de encerrado aquele ano letivo.

Se quisermos realmente mudar este quadro que se apresenta, não podemos nos prender a teorias que impeçam isso. Criar barreiras para conquistar um leitor, tais como idades apropriadas, simplesmente contribui para que nada seja feito.

A idade áurea da leitura como atividade de lazer situa-se entre as idades de oito e treze anos. Nesse período as crianças revelam maior interesse pela leitura e por visitas a bibliotecas. Entretanto, depois dos treze anos, mais ou menos, o interesse pela leitura diminui muito e o relacionamento com os livros decresce. (BAMBERGER, 1987, p. 20).

Se isto é um fato e se os jovens estão lendo cada vez menos, é porque não estão recebendo a devida atenção que merecem. Se convencionarmos que um adolescente de 13 anos que não adquiriu o gosto pela leitura é alguém que não mais será um leitor, jamais conseguiremos mudar esta realidade. É necessário trabalhar a leitura após a infância, incentivando-a no período da adolescência e em todos os momentos da vida dos cidadãos, e não cruzar os nossos braços e ficar estáticos diante de velhos paradigmas.

Existem duas verdades maiores que superam a teoria de Bamberger: (1) Ainda que se conquiste um leitor até os 12 anos de idade, aquele leitor irá se perder caso a leitura não seja trabalhada de maneira estimulante nos anos seguintes; e (2) Para se formar um leitor, o estímulo que a pessoa recebe para ler e os exemplos, os modelos que ela tem a sua volta, valem muito mais que a faixa etária em que ela se encontra.

O presente trabalho constitui-se de um estudo de caso tendo como público alvo os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, do Instituto Estadual Rio Branco, com os seguintes objetivos:

- pesquisar e analisar a relação dos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio com a leitura;
- Pesquisar e analisar a relação destes alunos com a biblioteca da escola;
- Verificar se a teoria de Bamberger condiz com a realidade;
- A partir dos resultados, sugerir alternativas para o incentivo ao gosto pela leitura.

Para tanto, alguns dados foram coletados através de uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento a entrevista semi-estruturada, dividida em duas fases, aplicada em uma amostra dos alunos da 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental, e também com uma amostra dos alunos do Ensino Médio. A observação direta, bem como o levantamento bibliográfico, complementaram a coleta dos dados, e interferiram de forma significativa na análise dos mesmos.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR E O PAPEL DA LEITURA

"Um livro é a prova de que os homens são capazes de fazer magia"

(Carl Sagan)

A Biblioteca Escolar, segundo Neves (1998), insere-se no âmbito dos recursos pedagógicos. Constitui-se como laboratório da práxis educativa, memória coletiva do grupo a ela diretamente relacionado, bem como da comunidade local e da sociedade em geral. Sua atuação deverá embasar toda dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

Neves coloca ainda que, a finalidade prática da biblioteca escolar é servir a educação formal e informal, difundindo o conhecimento e promovendo a leitura. Além disso, a leitura também faz com que a informação circule, atingindo diversos segmentos da comunidade.

A biblioteca escolar, no contexto da sociedade atual, onde existem muitos outros atrativos, tais como a televisão e o computador, possui um papel de grande importância. Atuando como mediadora, é fator determinante na formação de leitores. Ela transforma-se em espaço público dentro da própria escola, a partir do momento que atende não somente alunos, professores e pais, mas também a comunidade que está inserida no bairro onde atua. Contribui, deste modo, para a formação e o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Segundo Ferreira (1978), a biblioteca escolar deve fornecer o apoio a quaisquer programas educativos. Para isso, deve conter em seu acervo toda a espécie e tipo de materiais para o alcance dos objetivos curriculares “[...] satisfazendo ao mesmo tempo aos interesses, necessidades, aptidões e objetivos dos próprios alunos.”

O responsável que atua na biblioteca, seja profissional habilitado ou não, deve estar comprometido com os objetivos e funções determinadas pela direção e pelo corpo docente. Deve estar, igualmente, disposto a realizar este tipo de atividade e não entendê-la como um castigo, como muitas vezes ocorre. Da atuação desse funcionário depende, muitas vezes, o futuro dos alunos como leitores, ou seja, dependendo do atendimento que ele fará ao usuário, poderá passar uma idéia equivocada do que seja uma biblioteca, passando a imagem de um local onde se fica de castigo, ou que é obrigado a ficar em silêncio, onde não se pode percorrer as estantes e, assim por diante.

A biblioteca escolar, na maioria das vezes a primeira biblioteca em que as pessoas entram, se não existir a consciência do seu importante papel, estará contribuindo para a alienação dos seres humanos, o que será de grande utilidade para os detentores do poder.

A biblioteca, instituição milenar que durante séculos garantiu a sobrevivência dos registros do conhecimento humano, tem agora seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do complexo processo educacional. Pois pode contribuir efetivamente para preparar crianças e jovens para viver no mundo contemporâneo, em que informação e conhecimento assumem destaque central. A biblioteca faz realmente a diferença. (ANDRADE, 2002, p. 15).

Dentre as funções fundamentais da Biblioteca Escolar, Fragoso (1998) coloca a função educativa, onde a biblioteca representa um reforço à ação do aluno, auxiliando no desenvolvimento de habilidades de estudos independentes, motivando a busca pelo conhecimento e despertando o gosto pela leitura; e à ação do professor, complementando as informações básicas e oferecendo recursos e serviços à comunidade escolar, atendendo as necessidades do planejamento curricular.

A escola como um todo, por ser o meio onde a biblioteca escolar está inserida, deve também se responsabilizar pela biblioteca oferecendo um espaço apropriado para a sua instalação e boas condições para o seu funcionamento. Isto inclui a disponibilização de verbas para aquisição de materiais de leitura, materiais para o processamento técnico (bolsos para os livros, fichas dos sócios, etiquetas para as lombadas, entre outros), mobiliário para a biblioteca, boa iluminação e outros recursos indispensáveis para a boa qualidade do atendimento que a biblioteca prestará.

A biblioteca escolar não difere, em questão de importância, da biblioteca de uma grande empresa, de um hospital, de uma universidade. Em alguns lugares, ela é considerada como o coração da instituição na qual ela está inserida. É preciso também que a direção da escola e os próprios professores percebam a importância da biblioteca escolar e passem a encará-la como o centro da escola, o coração da escola, sem a qual a escola não poderia existir.

2.1 A importância do ato de ler

A leitura da palavra escrita vem para complementar a formação do cidadão. Através dela, é possível chegar-se a lugares e conhecimentos que a simples leitura de mundo não proporcionaria. Ainda assim, a leitura de mundo, segundo Paulo Freire, é uma das leituras mais importantes na vida do cidadão, por ser a primeira leitura que ele realiza.

Entender-se no contexto em que se encontra, independente da idade, é a leitura fundamental que todo ser humano exerce constantemente, ainda que inconscientemente

e, por mais que esta leitura pode ser esquecida no tempo, a sua importância é inquestionável.

Na escola, geralmente o primeiro espaço que abre as portas para o mundo das letras, a leitura da palavra deve ser trabalhada em comunhão com a leitura de mundo. A leitura que o professor faz do texto, deve ser uma leitura crítica, não passiva, estimulando nos alunos o pensamento crítico construtivo. Segundo Kleiman (1996, p. 19), “se o professor não perceber a complexidade do processo de leitura, e da interação, ele estará, a maioria das vezes, ecoando acriticamente comentários alheios, sem conseguir implementar essa visão, verbalizando sem agir”.

A leitura de mundo é reforçada no momento de interpretação de um texto. Mantendo a linha de pensamento de Kleiman (1996, p. 17), “a leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo momento com o que vem da página para chegar a compreensão”. A bagagem cultural de cada indivíduo, ou seja, a leitura que ele tem feito do mundo que o rodeia até aquele momento, certamente é fator determinante na interpretação e no entendimento da palavra escrita.

3 INCENTIVANDO O GOSTO PELA LEITURA E FORMANDO VERDADEIROS LEITORES

*“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face
neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”
(Carlos Drummond de Andrade)*

Existem dois aspectos no ensino da leitura que modificam todo o seu processo e o seu fim. Estes aspectos caracterizam-se em: (1) ensinar a leitura para desenvolver no indivíduo o hábito de ler; ou (2) ensinar a leitura para desenvolver no indivíduo o gosto pela leitura.

Cabe aqui, colocar a diferença léxica entre os aspectos de ensino da leitura:

- HÁBITO: disposição para alguma coisa, adquirida pela freqüente repetição dos mesmos atos; costume; uso; praxe.
- GOSTO: deleite, gozo, prazer, satisfação.

Estes dois aspectos tornam-se determinantes na maneira como o indivíduo passará a encarar a leitura nos anos subseqüentes de sua vida, quando não mais se encontrar na escola, quando não mais se sentir obrigado a ler para alcançar a nota no final do ano letivo. Ele poderá ter desenvolvido o simples hábito, que pode não sobreviver com o passar do tempo, ou ele pode ter adquirido, de fato, o gosto pela leitura, o prazer pelo ato de ler. Dificilmente ele perderá esse sentimento, porque o indivíduo que chega neste ponto, entendeu a importância da leitura e tem isto consolidado na sua mente;

busca a leitura sabendo que nela encontrará aquilo que precisa para suprir a sua necessidade, informacional ou não, temporária ou permanente, compreendendo as transformações que a leitura pode causar no seu ser.

O hábito de ler também pode continuar sendo desenvolvido, mas ele não surtirá no sujeito as transformações que a leitura prazerosa surte. Isto porque o hábito não é atitude crítica, mas apenas repetitiva, e a leitura pelo simples hábito proporciona apenas informação e não conhecimento. Qual a diferença? A informação é o conhecimento passageiro, consumível; o conhecimento é a informação consolidada, interpretada, que preenche as lacunas informacionais e existenciais do indivíduo.

O que foi colocado nos parágrafos anteriores, são os possíveis reflexos do incentivo à leitura, no que diz respeito ao seu fim. Porém, o processo do ensino da leitura, ou seja, o meio, também pode ser influenciado de acordo com o aspecto que o educador adotar.

A leitura voltada para o gosto de ler, torna-se mais fácil de ser trabalhada, uma vez que explora uma das características inatas do ser humano: a curiosidade. Ser curioso no sentido de querer ir além, de descobrir novos horizontes, não só na leitura, mas em outros aspectos da sua vida. O educador precisa oferecer esta visão ao educando, e assim entenderá o processo da formação do leitor e da importância da leitura.

O hábito de ler também possui a sua importância. Mas ele não deveria terminar em si. É difícil convencer uma pessoa de que ela precisa ler, assim como ela precisa escovar os dentes, por exemplo. A leitura possui uma característica intelectual, que não existe no ato de escovar os dentes, caracterizada pela sua função higiênica, primária para a saúde do homem. Daí a dificuldade em se ensinar a leitura pelo simples hábito. Aquilo que diz respeito ao intelecto torna-se demasiadamente subjetivo. Um indivíduo que lê

mecanicamente, pode nunca despertar para o verdadeiro valor da leitura, contentando-se com o seu conhecimento muitas vezes oriundo, unicamente, da leitura de mundo.

O incentivo à leitura deve ser ininterrupto, existindo durante todas as fases etárias, escolares e pessoais de um sujeito. Este é um ponto falho na nossa cultura. Temos a tendência a incentivar a leitura apenas na fase escolar, mais especificamente, na fase que corresponde ao Ensino Fundamental, onde a criança tem contato com atividades que estimulam o prazer pela leitura. A realidade nos mostra que, se a leitura não continuar sendo praticada e incentivada, a tendência é que a pessoa perca o interesse por ela.

Embora seja relativamente fácil ensinar uma criança ou um adulto a reconhecer letras e palavras, essa habilidade pode ser rapidamente perdida. Leitores iniciantes, independentemente da idade, poderão ficar desencorajados se a leitura não fizer parte do seu ambiente cultural ou não encontrarem ao seu alcance livros afinados com os seus gostos. Até nos países mais adiantados, grandes parcelas da população abandonam a leitura assim que saem da escola. (BAMBERGER, 1987, p. 7).

No Brasil, a pouca leitura é principalmente o reflexo de um sistema educacional que há várias décadas vem se deteriorando. A educação em nosso país não recebe muita atenção, até mesmo porque cidadãos conscientes e participantes não interessam aos governantes do nosso país.

Atividades que promovam a leitura só requerem um pouco de criatividade e vontade por parte do bibliotecário da biblioteca escolar, em união com os professores e a direção da escola, para tentar preencher as lacunas criadas ao longo do tempo, enquanto só se trabalhava o incentivo à leitura com as crianças.

Em qualquer faixa etária, devem ser desenvolvidos programas que despertem o prazer de ler. Não o hábito mecânico, como escovar os dentes, mas uma certa *compulsão* pela leitura, de saborear determinado livro ou texto, como observa Fragoso (1999).

Exposições, entrevistas, peças de teatro, artes em geral, enfim, programações culturais que atraiam as crianças e os jovens para o ambiente da biblioteca, fazendo com que ela se torne um ambiente aconchegante, prazeroso e não de imposição. Isso incentiva a leitura por prazer, seja a leitura de livros, jornais, revistas em quadrinhos, entre outros.

A leitura, dentro de uma visão construtivista, relaciona-se com a alfabetização no sentido amplo de levar o aluno a interpretar o mundo, pois não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos. O leitor deve portar-se diante do texto, transformando-o e transformando-se.

[...] Existem três propósitos fundamentais da leitura que ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas da comunicação leitor-texto: compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem. (SILVA, 1987, p. 32).

A instituição escolar, principal responsável pelo ensino do registro verbal da cultura, concebe o livro – didático ou não – como um instrumento básico às funções pedagógicas exercidas pelo professor. E a leitura, que não só perpassa todas as áreas de conhecimento, mas é indispensável ao ensino de qualquer conteúdo, acaba sendo, na visão equivocada de grande parte dos professores, de única responsabilidade do professor de Português que, além de ensinar o aluno a ler e escrever bem, tem que trabalhar a literatura de forma que os alunos adquiram o gosto pela leitura, transformando-os em leitores para a vida toda.

3.1 Exemplos de Políticas que deram certo

Nos Estados Unidos existem duas associações de médio porte que trabalham em função da disseminação do gosto pela leitura entre o público infantil e jovem. São elas a IRA (International Reading Association) e a RIF (Reading is Fundamental Inc.).

As duas instituições são apresentadas a seguir, destacando a sua missão perante a sociedade e mostrando o seu histórico, como funciona o seu trabalho, entre outros aspectos. Com base nos conselhos dados aos pais e professores através destas duas Associações, elaborei uma cartilha para desenvolvimento do gosto pela leitura, que encontra-se no Apêndice C do presente trabalho.

No Brasil, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) e a Associação de Leitura de Brasil (ALB) também possuem missões louváveis. Mas, a falta de incentivo por parte do Governo, não permite que estes programas cresçam e ampliem seus alcances.

3.1.1 *International Reading Association (Associação Internacional de Leitura)*

“Promoting high levels of literacy for all.”

(“Promovendo altos níveis de leitura para todos.”)

A Associação Internacional de Leitura (<http://www.reading.org>) foi fundada em 1956, fruto da junção entre o Conselho Internacional para o Melhoramento de Instruções para Leitura (International Council for the Improvement of Reading Instruction - ICIRI) e a

Associação Nacional para o Ensino Terapêutico (National Association for Remedial Teaching - NART).

A Associação Internacional de Leitura é uma organização dedicada à promoção de altos níveis de literatura para todos, melhorando a qualidade do ensino da leitura, a disseminação de pesquisas e informações sobre leitura e estimulando o hábito de leitura para toda a vida. Entre os seus membros estão professores, especialistas de leitura, consultores, administradores, supervisores, universitários, pesquisadores, psicólogos, bibliotecários, especialistas em comunicação e os pais. Com membros e filiais em 99 países, a sua rede se estende a mais de 300.000 pessoas em todo o mundo.

A Associação Internacional de Leitura possui 5 metas coletivas:

- *Desenvolvimento profissional*: aumentar o desenvolvimento profissional de professores de leitura e Literatura em todo o mundo;

- *Assessoramento*: para dar apoio às pesquisas, orientações políticas e práticas que aperfeiçoam as instruções de leitura e promovem maior interesse dos educadores e aprendizes da leitura.

- *Participação*: para estabelecer e fortalecer alianças nacionais e internacionais com outras organizações, incluindo governamentais, não-governamentais, agências comunitárias e indústrias patrocinadoras.

- *Pesquisa*: encorajar e dar suporte às pesquisas que promovam decisões informacionais feitas por profissionais da leitura, fazedores de políticas e o próprio público.

- *Desenvolvimento da Literatura Global*: para identificar, focalizar e promover liderança em assuntos literários significativos.

Conselhos e afiliados nacionais dão base para o trabalho da Associação. Estes grupos fazem reuniões e conferências regularmente, a fim de promoverem as metas da

Associação naquele local, estado, província e em níveis nacionais. A Associação promove convenções anuais nos Estados Unidos e também Congressos Mundiais a cada dois anos, além de conferências regionais regularmente.

Possui um jornal eletrônico, chamado Reading On-Line (ROL) – Lendo em-linha – com artigos referentes à prática da leitura em sala de aula, com orientações para os professores de Literatura de todos os níveis educacionais.

O jornal bimestral da Associação, Reading Today – Lendo Atualmente –, contém notícias sobre tendências e assuntos que podem influenciar o ensino da Literatura. Alguns destes artigos são disponibilizados gratuitamente na Internet.

3.1.2 *Reading Is Fundamental, Inc. (Ler é Fundamental)*

“Creating a Nation of lifelong readers.”

(“Criando uma nação de leitores para toda a vida.”)

Fundada em 1966, a Reading is Fundamental (<http://www.rif.org>) é a organização não-governamental mais antiga dos Estados Unidos, atendendo cerca de 5 milhões de crianças por ano. Através do National Book Program (Programa Nacional do Livro), esta Associação prepara e motiva crianças e adolescentes para a leitura, distribuindo gratuitamente livros e materiais de leitura (materiais estes que não precisam ser devolvidos) para as crianças e adolescentes com carências educacionais e suas famílias.

Programas como o Family of Readers (Família de Leitores), têm educado os pais a respeito da importância da leitura nas suas famílias e para a formação do indivíduo.

Todas as atividades que esta Associação desenvolve têm o suporte do Departamento de Educação dos Estados Unidos, corporações americanas, fundações, além de organizações comunitárias, que dão os subsídios para que esta organização se mantenha ativa.

3.1.3 Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)

É um programa de iniciativas de promoção da leitura especialmente voltadas para a formação do educador-leitor. Promove ações que visam despertar o interesse nacional pela leitura e a consciência da importância da democratização da leitura junto à população que não tem acesso à ela.

A Comissão Coordenadora deste programa é composta por representantes institucionais da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Associação de Leitura do Brasil (ALB), Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE/UFF) e Ministério da Educação (MEC), desde setembro de 1996.

No site do Ministério da Cultura (<http://www.cultura.gov.br/progs/proler/proler.htm>), é possível encontrar informações à respeito deste programa. Neste mesmo endereço constam as diretrizes do PROLER, que são: “[...] incentivar o desenvolvimento de práticas promotoras da leitura, priorizando a esfera pública a fim de contribuir para a sua democratização, visando a despertar e atender aos interesses da maioria da população leitora e não-leitora. Esse acesso deve ser viabilizado através da disponibilidade de

material de leitura variado e de qualidade em bibliotecas escolares e públicas, salas de aula, salas de leitura em locais públicos.”

As suas ações compreendem: (1) cursos de formação de mediadores de leitura; (2) produção de material pedagógico na área de promoção da leitura; (3) realização de Fóruns Nacionais de Leitura; (4) Redes de Referência e Documentação em Leitura para subsidiar pesquisas; (5) Orientação para a criação de bibliotecas; e (6) Sistema de Acompanhamento e Avaliação do Programa.

E entre as suas vertentes, destacam-se:

- formar mediadores e articular práticas leitoras que despertem a necessidade de ler nos cidadãos;
- produzir, valorizar e estimular a criação de bibliotecas públicas; e
- divulgar informações sobre o tema leitura em Redes de Informações.

Atualmente, o PROLER atua em 17 Estados do país, através de parceria com 40 comitês que o representa. Os Estados são: RJ, SP, MG, PA, ES, RO, AC, CE, RN, BA, MA, PR, SC, PB, GO e MS. Infelizmente, o Rio Grande do Sul ainda não entrou nesta relação.

3.1.4 Associação de Leitura do Brasil (ALB)

A Associação de Leitura do Brasil surgiu nos anos 70, juntamente com o Congresso de Leitura do Brasil e, naquela época, foram importantes instrumentos de garantia do direito à palavra e veículo de expressão de diversos segmentos sociais. A

promoção da leitura estava, então, diretamente ligada à divulgação do texto escrito, num período em que o acesso à informação se encontrava dificultado.

Atualmente, a ALB acredita que o acesso à informação continua deficiente, seja devido à exclusão econômica, seja devido à manipulação da informação pelos instrumentos de poder. Segundo a ALB, a questão que se coloca, neste momento, não é mais como divulgar e promover a leitura, mas de como garantir o acesso efetivo da maioria da população à cultura e à educação.

Enfim, a ALB tem por objetivo promover o debate crítico da leitura, através do apoio à estudos e pesquisas, da organização de seminários e congressos sobre o tema – dentre os quais destaca-se o COLE (Congresso de Leitura do Brasil), realizado bianualmente –, além da publicação de livros e revistas.

4 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR

“Um livro é como uma janela. Quem não o lê, é como alguém que ficou distante da janela e só pode ver uma pequena parte da paisagem.”

(Kahlil Gibran Kahlil)

A biblioteca escolar tem papel fundamental na formação do leitor. Em se tratando da fase escolar do indivíduo, alguns estudiosos defendem, inclusive, a tese de que é nesta etapa que, de fato, se forma e se conquista um leitor, tendo a biblioteca escolar uma participação importantíssima nesse processo. Ainda assim, nem sempre este resultado é alcançado. Carvalho (2002) defende a idéia de que o papel da biblioteca neste processo deveria ser repensado, uma vez que existem equívocos, comprovados através de pesquisas, das políticas e das atividades de promoção da leitura neste ambiente. Estas políticas partem do princípio de que o importante é ler, não importando o quê. Carvalho segue, a respeito destas políticas, dizendo que, o que elas pretendem

[...] é colocar o livro na mão da criança a qualquer custo; é criar o “hábito” de leitura através de “técnicas” de animação, de jogos, de fichas de leitura... A criança pode até divertir-se por algum tempo com a leitura e os jogos em torno dela, mas, pensa Perrotti, sem um quadro de referências culturais compartilhadas, o ato de ler dificilmente significará alguma coisa essencial em sua vida. (CARVALHO, 2002, p. 22).

No entanto, a conquista do leitor adolescente difere-se da conquista do leitor criança, uma vez que os modelos buscados são distintos. Enquanto a criança busca um

modelo de afeto, o adolescente busca um modelo de auto-afirmação. As técnicas de animação e incentivo à leitura tendem a funcionar melhor com as crianças, porque é um momento de troca de carinho e atenção, que conquista a criança, além de despertar nela o interesse pela leitura. Para os adolescentes, se este estímulo não for constante, ele não surtirá o efeito desejado. Porém, se o adolescente tiver um modelo de leitor próximo (pai, irmão, professor, entre outros), com quem ele passe grande parte do seu tempo, ele irá se espelhar neste modelo e passará a buscar a leitura por vontade própria.

A grande questão atualmente é: onde estão os modelos? Estão cada vez mais escassos. Está cada vez mais difícil encontrar um professor que seja leitor, que pratique a leitura pelo prazer. Conseqüentemente, são raros os professores que, em sala de aula, estimulam nos alunos o gosto pela leitura, mostrando a eles a importância do ato de ler, despertando neles o interesse pela leitura. Poucos são, também, os pais que têm tempo para ler em casa, como uma forma de relaxamento após um dia estressante de trabalho. A maioria prefere assistir a novela, a ler um bom livro.

Portanto, não podemos nos limitar a pensar que todos os casos de desinteresse pela leitura sejam resultado de uma má formação do leitor enquanto ainda na idade escolar. Muitos não-leitores adolescentes e adultos tiveram uma boa base escolar, contudo acabaram se moldando conforme o meio em que vivem.

A interrupção de programas de incentivo à leitura na escola, voltados para o público de nível médio, onde se encontram os adolescentes, pode ser outra causa para o agravamento desta questão. Mesmo que o aluno do nível médio tenha tido um bom ensino fundamental, com práticas de incentivo à leitura entre outros, o estímulo que ele recebeu para a leitura pode ser esquecido ou se tornar insuficiente diante das pressões que surgem nas séries mais avançadas.

As atividades pedagógicas, que envolvem leitura, desenvolvidas entre a 1ª e a 4ª séries do Ensino Fundamental, giram em torno do mundo lúdico, o mundo da brincadeira. Geralmente, a partir da 5ª série, estas atividades perdem a característica da brincadeira, e adquirem ares de obrigação. Neste processo, o aluno não possui mais a liberdade de escolha do material que deseja ler. Por existirem métodos de avaliação, com o intuito de forçar (grifo do autor) os alunos a lerem, o professor escolhe o material de leitura, igual para toda a turma. São determinados títulos obrigatórios, muitas vezes sem ser questionado o interesse do aluno por aquele tema ou tipo de leitura.

[...] Para os jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida, proporcionando-lhes casos exemplares, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes. (BAMBERGER, 1987, p. 11).

Enquanto a escola não assumir uma proposta séria de discussão e valorização do papel da leitura no desempenho escolar do aluno e na formação do aluno enquanto cidadão; enquanto os professores dos diferentes componentes curriculares não assumirem seu papel na formação de *leitores para a vida toda* e continuarem a afirmar, simplesmente, que os alunos não gostam de ler (deixando a culpa cair apenas sobre o trabalho do professor de Português e a falta de incentivo e uso da leitura na família), o problema da leitura vai continuar interferindo negativamente na aprendizagem, no desempenho escolar e na formação do leitor.

Em qualquer disciplina a compreensão da leitura depende do conhecimento de mundo do leitor e, principalmente, da multiplicidade de sentidos que podem ser atribuídos

ao texto. Portanto, quanto maior for o acesso à diversidade de textos e leituras, maior será a possibilidade de ampliação do seu conhecimento de mundo, de fazer inferências, de exercitar a compreensão.

É importante que os alunos tenham liberdade de escolher os livros que queiram ler. Mas para isso, é necessário que eles tenham acesso a todo tipo de material de leitura, desde cedo, e principalmente livros de literatura que colaborem de forma significativa na formação global do indivíduo, pela sua natureza e força estética.

Toda e qualquer atividade de ação cultural que atraia o público para a biblioteca e o faça sentir-se bem e à vontade, contribui de alguma forma para a formação de um futuro leitor. Não é atividade fácil, pois assim como um profissional pode tentar despertar o desejo pela leitura-prazer, outro pode disseminar a leitura e as visitas às bibliotecas como castigo, como obrigação. Práticas como estas podem criar uma espécie de repulsa por livros e pelo ambiente das bibliotecas.

A continuidade do incentivo à leitura entre os adolescentes é tão ou mais importante que o bom incentivo enquanto ainda crianças. A Associação Internacional de Leitura acredita que os jovens leitores merecem ter:

- acesso a uma grande variedade de material de leitura que satisfaça seus interesses;
- instruções que desenvolvam a habilidade e o desejo para ler materiais de complexidade crescente;
- avaliações que mostrem suas resistências e suas necessidades;
- professores experientes que forneçam instruções ao longo do currículo;
- especialistas em leitura que assessorem estudantes que tenham dificuldades de leitura;

- professores que entendam as dificuldades individuais de leitores adolescentes;
- lares e comunidades que amparem as necessidades de leitores adolescentes.

Em países desenvolvidos, a leitura é vista como um passaporte para o mundo civilizado, para uma boa perspectiva de vida, e é trabalhada entre os adolescentes de forma que eles se tornem adolescentes que leiam mais e melhor do que enquanto crianças e adultos que leiam mais e melhor do que enquanto adolescentes. É um ciclo progressivo. Um exemplo disso é a associação norte-americana RIF (Reading is Fundamental), cujo lema é “criando uma nação de leitores para toda a vida!”.

5 PASSO A PASSO DOS CASOS ESTUDADOS

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

(Cora Coralina)

Como pressuposto metodológico, foi realizado um estudo de caso com alunos dos três turnos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio do Instituto Estadual Rio Branco.

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, ainda que tenham sido utilizados alguns dados quantitativos para dar maior embasamento à análise dos dados obtidos.

A coleta dos dados foi realizada em duas fases, sendo utilizada uma entrevista semi-estruturada (ver Apêndice A) e também a observação direta. Na primeira fase foram entrevistados 18 alunos matriculados entre a 7^a série do Ensino Fundamental e o 3^o ano do Ensino Médio. Na segunda fase, foram realizadas três entrevistas mais aprofundadas, com alguns dos alunos entrevistados na primeira fase, que apresentaram casos que chamaram a atenção por se enquadrarem numa realidade atípica, no que diz respeito à formação do leitor, segundo o que propõe Bamberger.

5.1 Primeira Fase das Entrevistas

No primeiro momento, os sujeitos desse estudo seriam apenas os alunos sócios da biblioteca escolar e que tivessem um "histórico" de bons leitores. Foram realizadas 3

entrevistas, mas os resultados obtidos foram atípicos. Durante o período de estágio curricular, diversas vezes presenciei cenas de alunos incomodados com o fato de estarem na biblioteca (principalmente para executarem alguma atividade solicitada pelo professor), buscando "um livro mais fino, com letras maiores e mais figuras" e, absolutamente sem noção de como utilizar uma enciclopédia e, até mesmo, um dicionário. Alguns destes alunos eram, no entanto, sócios da biblioteca. Mas no momento da entrevista, nada disso foi colocado. Eles tentaram passar uma imagem de alunos perfeitos, excelentes leitores, provavelmente porque se sentiram intimidados pelo gravador.

Para solucionar este problema, resolvi buscar alunos não-sócios da biblioteca e que, de preferência, não gostassem de ler. Através de um contato mais direto com estes alunos, pensei que poderia chegar aos motivos da falta de leitura e/ou do desgosto pela mesma. De fato, foi o que aconteceu. Entrevistando estes alunos, pude retratar melhor a experiência vivida no estágio. As respostas obtidas através da entrevista com estes sujeitos se mostraram muito mais sinceras e verídicas.

Enfim, foram entrevistados dois alunos de cada série de cada turno, sempre um sócio, independente de ser leitor ou não, e um não-sócio, mas que apresentasse dificuldades ou desprazer pela leitura, somando o total de 18 entrevistas. A faixa etária se manteve entre os doze e os vinte e dois anos de idade.

A 2ª série do Ensino Médio do turno da manhã, foi a única que teve mais de dois alunos entrevistados. Esta exceção foi aberta pela opção de entrevistar um aluno leitor excepcional. Este aluno tem 17 anos e é um leitor voraz. Segundo relato da bibliotecária Nilse, ele disse que poderia passar a vida inteira dentro de uma biblioteca, lendo, e, que poderia inclusive, morrer dentro de uma biblioteca! Na entrevista realizada com este aluno, ele contou que começou a ler a partir dos dois anos de idade, por iniciativa própria.

Claro que isso não teria sido possível se ele não tivesse acesso aos livros e outros materiais de leitura desde tão cedo. Filho de um neurologista e mãe dona-de-casa, ele me contou que sempre teve muito apoio dos pais, e que aprendeu com eles a importância da leitura. Ele encara o ato de ler como uma maneira de mudar o seu próprio ser, acrescentando conhecimentos novos à sua bagagem cultural. Disse, ainda, que a leitura deveria ser estimulada entre os jovens com materiais que sejam úteis para o seu crescimento pessoal e não através de “revistas de cultura vazia”, que é o que muitos jovens acabam lendo.

Os alunos entrevistados pertencem às seguintes séries:

- 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental do turno da tarde.
- 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, dos turnos da manhã e da noite.

O fato de terem sido entrevistados alunos dos três turnos, proporcionou uma visão mais ampla da realidade na qual os entrevistados estavam inseridos. No turno da manhã, os alunos foram mais comunicativos no momento da entrevista. Expressaram-se bem, poucos ficaram inibidos. Uma característica do turno da manhã e do turno da tarde, é que a maioria dos alunos está na série apropriada para sua faixa etária.

No turno da tarde, os alunos foram um pouco mais fechados, menos receptivos, talvez pelo fato de serem mais novos e terem mais dificuldade para se expressarem. Acredito que o gravador tenha contribuído para esta inibição.

Os alunos do noturno foram os mais difíceis de entrevistar. Por incrível que pareça, eles respondiam com pressa, porque não queriam perder muito conteúdo da aula. Houve

alguns que foram breves devido ao cansaço, perfeitamente compreensível, por serem jovens que trabalham durante o dia e estudam à noite.

5.1.1 Análise dos dados coletados

A entrevista semi-estrutura, elaborada para a coleta dos dados na 1ª fase, é composta por 18 questões, embora nem todas tenham sido utilizadas com todos os entrevistados. Isto porquê, de acordo com o andamento da entrevista, algumas questões se tornaram desnecessárias. Vale ressaltar que, para a análise final dos dados, apenas as questões mais relevantes foram analisadas.

É válido destacar alguns dos dados coletados: o turno da manhã, por exemplo, foi o que demonstrou maior índice de leitores, equivalente a 71%. Já o turno da tarde obteve 75% de pais não-leitores. E aproximadamente 67% dos jovens do noturno são não-leitores, muitos devido ao fato de trabalharem e não terem “tempo para ler”.

A primeira questão da entrevista foi direto ao assunto: “Você gosta de ler? Justifique.”. De todos os entrevistados, aproximadamente 71% responderam que não gostam ou gostam mais ou menos de ler. Os motivos citados para o “não gostar de ler” foram referentes: (1) às leituras obrigatórias que os professores passam, (2) à preferência pela televisão, (3) à falta de paciência – geralmente para leituras obrigatórias, uma vez que gostam de ler outros tipos de materiais como revistas, por exemplo –, (4) sonolência ao ler e (5) à falta de tempo, colocada por dois alunos do noturno, que trabalham 8 horas por dia.

A questão da sonolência, bem como a questão das dificuldades para ler, que será colocada mais adiante, muitas vezes são relacionadas a problemas de vista, como a dislexia, por exemplo, que devem ser observados não apenas pelos pais, mas também pelos professores. Ainda assim, o problema da sonolência foi colocado por jovens que costumam ler apenas à noite, antes de dormir. Então, o sono pode ser associado mais ao cansaço físico e mental do que à falta do gosto pela leitura.

Ainda assim, todos os entrevistados responderam que é importante ler e desenvolver, se não o gosto, pelo menos o hábito de leitura. Eles colocaram que isso auxilia no enriquecimento do vocabulário bem como da cultura e que facilita na realização dos trabalhos escolares. Outro motivo citado foi o fato de que ler por obrigação é “muito chato”, então é preferível gostar de ler para que a leitura se desenvolva com maior facilidade.

A pergunta sobre as preferências de leitura quanto aos gêneros literários, revelou os resultados apresentados no quadro abaixo.

Quadro 1: Preferência dos Gêneros Literários

Série	Gêneros Literários							
7ª Ensino Fundamental	Literatura infanto-juvenil	Literatura Fantástica		Aventura		Terror		Suspense
8ª Ensino Fundamental		Literatura Fantástica	Romance					
1º Ensino Médio				Aventura	Literatura gaúcha			

2º Ensino Médio		Literatura Fantástica	Romance		Literatura gaúcha	Terror	Contos	
3º Ensino Médio			Romance				Contos	Suspense

Quando questionados sobre as dificuldades que encontram para ler, a maioria disse que não sente nenhuma dificuldade. Por ter convivido com alguns destes jovens durante o período de Estágio Curricular, sabia que uma das grandes deficiências era com relação ao vocabulário, que se mostrava muito pobre entre os alunos. Ao serem questionados quanto a isto, muitos confirmaram que sentem, de fato, alguma dificuldade com o vocabulário, mas colocaram que, nestes casos, buscam o auxílio do dicionário.

Outra dificuldade apresentada foi com relação à leitura em voz alta. Muitos sentem dificuldade para ler um texto em voz alta, tanto em sala de aula, quanto individualmente, em ambientes fora da escola. Alguns sentem isso por timidez. Porém, nos outros casos, esta dificuldade é um reflexo da falta da prática de leitura. Conforme colocado por Redes:

A leitura em voz alta mostra freqüentemente deficiências que perturbam também a leitura silenciosa, tais como a excessiva lentidão na decodificação dos sinais escritos de que resulta um enorme esforço de atenção investido na mecânica da leitura, deixando de lado a compreensão do texto. (REDES, 1998, tradução nossa)¹.

O ambiente familiar se mostrou de grande importância no auxílio à formação do jovem leitor, uma vez que é lá que estão os exemplos que mais influenciam nesta questão. Este dado foi constatado através de uma pergunta sobre a relação, dos pais dos

entrevistados, com a leitura. A maioria dos jovens leitores possui pais leitores, geralmente a mãe. O pai, quando lê, costuma ser mais por obrigação do que por prazer. A maioria das mães lê por prazer e é importante colocar que elas costumam ler mais livros do que revistas ou jornais. Já os pais lêem mais jornais e buscam os livros por obrigação, geralmente do trabalho.

Ainda com relação ao ambiente familiar, a questão referente ao estímulo recebido durante a infância mostrou que a maioria dos entrevistados recebeu mais estímulo da mãe, seguido do estímulo recebido na escola. No entanto, destes (os que receberam mais estímulo da escola), nem todos continuaram com o gosto pela leitura. Houve casos de jovens leitores que receberam mais estímulo de outros parentes, como tios e irmãos, e que continuam com o gosto pela leitura até hoje. Este fato mostra a importância de modelos de leitores próximos, para que se consolide o verdadeiro gosto pelo ato de ler. O simples fato de ter sido estimulado nas primeiras séries do ensino fundamental, não garante a permanência do gosto pela leitura no jovem leitor.

Quanto à existência de materiais de leitura à disposição em casa, cerca de 65% dos jovens entrevistados disseram que possuem material de leitura. Ainda assim, nem todos aproveitam esta facilidade para praticarem o ato de ler. Já os jovens que não gostam de ler, não têm ou têm pouco material de leitura em casa à sua disposição, salvo algumas exceções que serão tratadas na análise da segunda fase de entrevistas.

Quando questionados sobre a biblioteca da escola, 70% responderam que a freqüente, porém, “apenas quando o professor manda”. Ainda assim, questionados sobre a qualidade da biblioteca e do atendimento do pessoal que lá trabalha, os entrevistados

¹ Documento eletrônico.

disseram que o atendimento é muito bom e que, na maioria das vezes, encontram o material que procuram na biblioteca.

Questionados sobre o incentivo que os professores dão à leitura, foi constatado que os professores que mais incentivam a leitura são os de Língua Portuguesa e Literatura. Obviamente, existem exceções, mas infelizmente, são poucas. Geralmente, os professores cobram apenas a nota e não a leitura, o que faz com que muitos alunos simplesmente copiem, ou “recortem e cole” – conforme os recursos oferecidos pela informática – principalmente depois do advento da Internet. Uma das entrevistadas confessou que, nem quando está copiando, ela lê o que está escrevendo. Muitas vezes ela inclusive copia o texto de um livro ou enciclopédia, ouvindo rádio e prestando mais atenção na música. Cabe uma observação: apesar de se considerar uma não-leitora atualmente, a entrevistada relatou que sempre fora incentivada a ler e que gostava muito de ler quando era mais nova. O relato desta aluna será analisado de forma mais aprofundada na segunda fase das entrevistas. Voltando à nossa questão, essas atividades não podem, em hipótese alguma, serem consideradas como estimulantes ao hábito e, muito menos, ao gosto pela leitura.

Chega a ser um contra-senso tentar educar e despertar os alunos para a questão da leitura, quando o maior exemplo para a falta de estímulo está dentro da própria sala de aula. Questionados se os professores indicam a biblioteca da escola para a realização de trabalhos, os alunos responderam que sim, e que alguns indicam até mesmo a Biblioteca Pública do Estado, apesar de que aproximadamente 65% dos entrevistados não conhecem a referida Biblioteca.

A pergunta referente ao fato de a leitura ser praticada por iniciativa própria (lazer) ou por solicitação dos professores (obrigação), mostrou que em torno de 75% costumam

ler por obrigação. A leitura dificilmente é vista como uma forma de lazer. Ao serem questionados sobre a maneira como utilizam o seu tempo livre, a leitura quase não foi citada. Antes dela vieram: (1) a televisão, (2) o rádio, (3) o futebol (entre outros esportes) e (4) dormir.

A parte mais intrigante da entrevista aconteceu quando lhes questionei de que outras maneiras eles achavam que a leitura deveria ser incentivada entre os adolescentes. Para minha grande surpresa, muitos responderam que a Hora do Conto para adolescentes ajudaria bastante. Fiquei impressionada com a resposta deles, mas a considero absolutamente plausível e relevante. Lembrei de duas ocasiões vividas por mim mesma e acredito que vale expô-las para melhor elucidar a minha opinião.

A primeira ocorreu durante o período do Estágio Curricular, no Instituto Estadual Rio Branco. Havia um aluno do curso de Pedagogia da UFRGS, chamado Gabriel, que é bolsista do Núcleo da Hora do Conto, coordenado pela Professora Eliane Moro. Este bolsista costumava contar histórias para os alunos da 1ª série do Ensino Fundamental, todas as sextas-feiras. Tive o prazer de assisti-lo algumas vezes. Realmente, ouvir histórias é muito bom! A forma como a imaginação é desenvolvida é sensacional e a interação que ocorre com o contador de histórias é surpreendente.

A outra ocasião foi durante um seminário sobre Contação de Histórias, realizado na FABICO (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), coordenado e ministrado pelo Núcleo da Hora do Conto, onde eu e mais umas trinta pessoas,

um pouco mais velhas, nos divertimos muito ouvindo e participando das histórias contadas por este grupo. Voltamos a ser crianças!

Existem estudos que dizem que o grande mal das próximas gerações será a solidão, a carência emocional e afetiva. Isso devido à explosão da Internet e ao papel fundamental que ela desempenhará na vida dos cidadãos, tornando as relações cada vez mais distantes e impessoais. Acredito que algumas pessoas, inclusive os mais jovens, já sofrem deste mal, e pedir para que se faça a Hora do Conto para eles é um reflexo disto. O momento de parar para ouvir histórias, traz à memória muitas lembranças dos tempos de criança, onde, provavelmente, muitos destes jovens tinham mais carinho e atenção dos pais, menos medos, menos preocupações, onde provavelmente havia alguém que lhes incentivasse na leitura, fossem os pais ou os professores. Contar histórias para os adolescentes é uma experiência que poderia ser levada adiante, inclusive para verificar o desempenho que estes jovens passariam a ter nas disciplinas escolares.

Outra sugestão dada pelos alunos foi que se disponibilizasse mais materiais voltados aos jovens, livros atuais. O acervo da Biblioteca do Instituto Estadual Rio Branco é rico em materiais, especialmente voltados aos jovens. Esta é uma das principais preocupações da bibliotecária desta instituição, no momento de fazer novas aquisições. Contudo, a busca por estes materiais é muito inferior ao que se espera, embora a sua divulgação seja relativamente boa. No corredor que leva à biblioteca, existe um mural onde são colocados os livros novos e outros títulos que a bibliotecária acha conveniente. Por exemplo, os livros indicados para o vestibular e também livros que tratem de assuntos que possam interessar os jovens, como as drogas, relacionamentos entre outros. Ainda assim, penso que a divulgação deveria ser feita de forma mais direta, uma vez que o método atualmente utilizado não tem alcançado o efeito desejado. Colocar listas atraentes

afixadas na própria sala de aula, com livros voltados para a faixa etária que lá estuda, ou até mesmo ir nas salas comunicar pessoalmente sobre as novas aquisições, poderia despertar maior interesse nos alunos. Só que essa, com certeza, não é missão para uma pessoa só! Para que isso se torne possível, a biblioteca precisaria contar com um número maior de funcionários habilitados para atuarem nesta área.

Informatizar a biblioteca também poderia auxiliar nesta questão. A biblioteca do Instituto Estadual Rio Branco não conta com um sistema de recuperação da informação. Pela experiência adquirida no período de Estágio Curricular, considero esta falta gravíssima para o bom atendimento da biblioteca. Ela se agrava ainda mais pelo fato de só haver uma bibliotecária habilitada trabalhando no local e todos dependem dela para encontrar os materiais na biblioteca. É isso ou partir para as estantes até localizar o livro desejado. Nos momentos de grande movimento, se torna impraticável um atendimento adequado, no que diz respeito ao atendimento ao usuário e ao serviço de referência, uma vez que o empréstimo é manual e isto dispende grande tempo da profissional no balcão de atendimento. Essa questão só é aliviada quando uma professora, que também trabalha na biblioteca, se encontra presente.

Com um sistema de busca e recuperação da informação, o aluno poderia encontrar o livro que mais lhe agradasse, além de ter uma melhor noção dos materiais que existem na biblioteca, realizando uma busca por autor ou por assunto.

Outra sugestão dos alunos entrevistados, é que sejam feitas palestras falando sobre a importância do ato de ler. Acredito que isso se deve ao fato de que muitos jovens costumam ler apenas por obrigação, não tendo uma noção do que isto vai representar para o resto da sua vida. Pensam no ato da leitura de uma forma isolada, que começa e

termina em si mesmo, não percebendo que leitura é sinônimo de informação e, quando transformada em conhecimento, poderá ser eternamente útil.

Uma questão que chamou muito a minha atenção, foi a forma como eles reclamaram das leituras obrigatórias. Muitos me disseram que gostam de ler, só não gostam de ler as leituras obrigatórias, ou seja, aquilo que o professor manda ler. Obviamente, isto pode ser em decorrência da rebeldia característica dos adolescentes, mas também pode ser que o motivo seja um pouco mais urgente. De que forma esta leitura obrigatória é cobrada? O que acontece com quem não vai bem nas provas de interpretação de texto? Quem lê o quê?

As respostas destas perguntas elucidam bastante o motivo do desinteresse entre os jovens pelas leituras obrigatórias. A forma de cobrança é através de provas de interpretação de texto ou fichas de leitura. São provas complexas que implicam na bagagem cultural que cada um carrega, fato este que geralmente é esquecido (grifo nosso) pelos professores. O texto não chega a ser analisado previamente, como é feito em nível universitário. A análise que é feita é bastante superficial, cabendo ao aluno a compressão do texto como um todo. Quando o aluno não alcança a média para passar, ele é obrigado a fazer a recuperação, não sendo esta prova muito diferente da primeira, no que diz respeito à forma de avaliação.

Além disto, a maneira como a literatura é ensinada, não auxilia no despertar do interesse nem pela literatura e sequer pela leitura. Daí o questionamento: Quem lê o quê? Os alunos iniciam o Ensino Médio estudando os tempos mais antigos da Literatura, períodos nos quais o contexto social era diferente, assim como o vocabulário e a forma de expressão. Durante as séries seguintes, vão avançando nos períodos literários até que, no último ano do Ensino Médio, chegam, finalmente, ao Período do Modernismo.

Ao chegarem neste ponto, muitos jovens já perderam o interesse pela leitura, porque foram obrigados a ler uma literatura demasiadamente complexa para a etapa em que se encontravam então. O ideal seria que se invertesse esta seqüência, iniciando pelo Modernismo com as classes iniciais, que irão se identificar mais com os assuntos atuais e, retrocedendo na linha do tempo, para os períodos iniciais da Literatura. Quando estes alunos chegarem nos períodos mais antigos, já foi consolidado neles o gosto pela leitura e eles terão amadurecido suficientemente para terem uma maior compreensão da realidade abordada naqueles textos.

A idéia original desta proposta de trabalho pertence à professora Eliane Moro, orientadora deste Trabalho de Conclusão, possuidora de grande experiência com a leitura e o ensino de Literatura, tendo lecionado a disciplina durante anos. Um ante-projeto desta proposta encontra-se ao final desta monografia, no Apêndice D, resultado de um pré-teste realizado com os entrevistados da Segunda Fase.

Uma outra sugestão que também surgiu nas entrevistas é que sejam realizados momentos de leitura na sala de aula. O aluno não seria obrigado a ler, mas teria um tempo livre para ler o que lhe interessasse, fossem revistas, livros ou jornais. Os alunos do turno da noite foram os que sugeriram esta idéia, baseados no fato de terem pouco tempo para ler.

Conversando com uma professora do colégio, obtive um relato muito interessante. Ela me contou que havia realizado um projeto com os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental de um outro colégio. O projeto se chamava “Hora da Leitura” e consistia em leituras realizadas na sala de aula. Ninguém era obrigado a ler, nem a apresentar algum trabalho ou realizar alguma prova, mas, quem quisesse compartilhar com a turma o que havia lido, tinha toda a liberdade. Ao final do ano letivo, foi verificado aumento nas notas

dos alunos, menos erros de português e o comportamento dos alunos havia se tornado mais disciplinado. Três anos depois, realizaram um *feedback*. Os resultados obtidos continuaram satisfatórios: no mínimo 80% dos alunos haviam adquirido o gosto pela leitura e mantiveram as boas notas.

Ainda na questão referente à outras maneiras de estimular a leitura entre os jovens, mais uma vez, o incentivo dos pais foi colocado por alguns dos entrevistados como sendo um dos fatores fundamentais para consolidar nos jovens o gosto pela leitura. É muito bom perceber que os adolescentes têm consciência da importância de se ter modelos próximos, e se conscientizem que, um dia, numa futura sociedade de leitores, eles terão papel importante enquanto modelos para futuros amantes da leitura. (*Que assim seja!*)

5.2 Segunda Fase das Entrevistas

A segunda fase das entrevistas contou com a participação de três alunos do Instituto Estadual Rio Branco. Dois destes alunos já haviam sido entrevistados na primeira fase das entrevistas e um terceiro aluno foi acrescentado a este grupo.

Os sujeitos desta etapa relataram, na primeira fase das entrevistas, que foram leitores assíduos até uma certa idade. Tiveram todo o estímulo para a leitura – necessário no início da vida escolar –, foram sócios e freqüentadores da biblioteca da escola, tiveram apoio e atenção dos pais em casa mas, por algum motivo, perderam o interesse pela leitura com o passar dos anos.

São casos atípicos, segundo o que propõe a literatura, uma vez que estes alunos não se mantiveram leitores, apesar de terem tido o estímulo no período escolar correspondente às séries em que estudam os alunos dos 8 aos 13 anos de idade.

O terceiro entrevistado não participou da primeira fase mas, por ser irmão de um dos participantes da segunda fase de entrevistas, aceitei a sugestão da bibliotecária de entrevistar os dois e fazer um paralelo entre eles, uma vez que este aluno se manteve um leitor assíduo com o passar do tempo, diferentemente de seu irmão mais novo, apesar de ambos terem tido a mesma formação familiar e os mesmos incentivos e estímulos.

Apenas nesta fase das entrevistas, achei válido dar nomes aos sujeitos, devido ao fato de ser uma amostra bem menor e mais detalhada. São eles:

- Luana: 12 anos; aluna da 7^a série do Ensino Fundamental; turno da tarde;
- Leonardo: 17 anos; aluno da 3^a série do Ensino Médio; turno da manhã;
- Guilherme: 20 anos; aluno da 3^a série do Ensino Médio; turno da manhã.

5.2.1 Análise dos dados coletados

O instrumento utilizado para a coleta de dados na segunda fase foi parecido com o utilizado na primeira fase, porém procurei focar as perguntas na questão da relação do entrevistado com a leitura, buscando os motivos pelo desinteresse pelos livros, desenvolvido ao longo dos tempos. (ver Apêndice B)

A Luana me contou que quando era pequena, adorava ler. Seus pais lhe davam livrinhos e ela lia todos eles, repetidas vezes. Sua irmã mais velha também contribuiu

para que ela aprendesse a ler e desenvolvesse o gosto pela leitura. Ela ainda gostava muito de ler em voz alta, na sala de aula ou em casa, para a sua mãe.

Questionada sobre até que idade ela ainda lia bastante, Luana me contou que foi até os 10 ou 11 anos de idade, quando ainda estava na 5ª série do ensino fundamental. Neste mesmo período, começou a trabalhar com a mãe na lancheria da família, e ela sente que foi a partir deste momento que parou de ler. Segundo seu relato, é complicado para ela se concentrar para a leitura num ambiente muito agitado, como o da lancheria. Ela prefere ocupar seu tempo livre quando está lá, vendo televisão ou bordando, atividades que, na sua opinião, exigem menos concentração.

Com referência à sua relação com os professores de Língua Portuguesa e Literatura, Luana me contou que sempre foi tranqüila. Ela respeitava os professores e fazia os temas de casa e nunca teve problemas com notas. Pelo que pude perceber da entrevistada, ela é uma menina quieta, tímida, pacata. Acredito que o seu comportamento em sala de aula seja parecido com o que ela me passou.

Indagada se alguma vez presenciou ou vivenciou alguma situação em que a biblioteca era usada como um ambiente de castigo, Luana me contou que já presenciou sim situações semelhantes a esta, e que isto é muito comum, principalmente quando o aluno fica em recuperação em alguma disciplina.

O professor passa um tema relacionado à disciplina que leciona, indicando a biblioteca da escola para buscar material, e indica uma data para o aluno entregar o trabalho teórico. No caso dos alunos mais rebeldes, o professor tira o aluno de sala de aula e passa um trabalho para ser entregue no final daquele período de aula. A maioria dos alunos nas séries mais avançadas, não se submete mais a ficar na biblioteca fazendo o trabalho. Muitos saem da sala de aula e vão para frente do colégio, esperar os colegas

serem liberados da aula. Então, com esta atitude do professor, o aluno não fica nem na sala de aula, nem na biblioteca, tornando-se, portanto, uma punição ineficiente e equivocada.

Com relação à questão referente à forma como a Literatura é ensinada, Luana não soube responder exatamente o que pensa. Disse que foi dessa forma que sempre aprendeu e que não conseguiria imaginar uma outra maneira de ensinarem Literatura.

Por fim, Luana disse que atualmente encara a leitura apenas como uma obrigação escolar. Senti o seu pesar ao dizer estas palavras. Acredito ser provável que esta aluna volte a ser uma leitora após esta entrevista porque foi possível perceber o entusiasmo dela contando da época em que lia muito e adorava ler e sua tristeza ao falar dos dias atuais.

Na questão referente aos motivos que a levaram a parar de ler, Luana respondeu que se considera mais tímida atualmente. O fato de ter ido trabalhar com sua mãe também contribuiu para que a sua leitura diminuísse. Além disso, Luana não tem modelos de leitores próximos. Sua irmã, que um dia foi a sua maior incentivadora, também não lê mais pelos mesmos motivos que ela. E a sua mãe e o seu padrasto não costumam ler.

O Leonardo e o Guilherme também são casos irregulares, se comparados ao que sugere a literatura. Filhos de pais advogados, ambos tiveram acesso aos livros e incentivo à leitura desde pequenos. Na medida em que foi crescendo, Leonardo começou a perder o interesse pela leitura. Descobriu os esportes e, atualmente, pratica diversos esportes radicais, considerando-se muito agitado para ficar lendo um livro durante o final de semana.

Seu irmão mais velho, Guilherme, é o oposto. Aos vinte anos de idade, além de ser um devorador de livros, já se arrisca na carreira de escritor. Seu gênero favorito: literatura

estrangeira, principalmente os romances. Guilherme colocou que odeia leitura obrigatória.

Disse que a considera absolutamente desestimulante. E completou:

Eu ficava angustiado porque eu adoro ler, e às vezes eu pego um livro que é meio difícil de ler, mas que eu quero termina-lo, então eu termino de ler. Eu odeio parar de ler um livro pela metade. Eu ficava angustiado porque tinham livros que eu não conseguia terminar. Por exemplo, Dom Casmurro e o Mulato, que eu até brinco que é o Moreninho (risos). Pra mim a leitura é tão prazerosa, que eu ficava angustiado, eu ficava mal mesmo, quando tinha que ler um livro por obrigação. (Guilherme, informação verbal).

Com relação à leitura obrigatória, Leonardo disse que também nunca conseguiu ler um livro por obrigação. Ainda que ele tentasse, acabava largando o livro até mesmo antes da metade. No entanto, seu relacionamento com os professores sempre foi bom. Nunca teve dificuldades em obter boas notas, embora nem sempre a compreensão da matéria tenha sido tão tranquila, principalmente com essas duas matérias: Língua Portuguesa e Literatura.

Guilherme teve mais dificuldades na escola. Entre a 5ª série do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio, ele contou que “bloqueou sua capacidade de aprendizado”. Não conseguia assistir a aula, não tirava notas boas, mas nunca parou de ler. Atualmente, isso melhorou bastante. Prestes a, finalmente, concluir o Ensino Médio, ele diz que se relaciona melhor com os professores e que não tem mais problemas em sala de aula.

Questionados quanto ao ambiente da biblioteca ser utilizado como uma forma de castigo, Leonardo confirmou aquilo que foi colocado pela aluna Luana. Diversas vezes, presenciou cenas de alunos, principalmente os mais novos, da 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental, lendo, de castigo na biblioteca. Segundo o que ele contou, isso acontece sempre que o professor julga que o aluno está atrapalhando o desenvolvimento da aula.

Leonardo disse ainda que “eles (os professores) excluem a pessoa dentro da biblioteca” e que, na sua opinião, não é assim que conseguirão despertar no aluno o gosto pela leitura. “Pelo contrário. Eles acabam despertando o desgosto!”.

Com relação à esta questão, Guilherme relatou que dificilmente faz trabalhos escolares na biblioteca e que nunca teve problemas de ter sido mandado para a biblioteca por castigo, até porque, ele saía da sala de aula para ficar na biblioteca por vontade própria. “Para mim, a biblioteca sempre foi um recanto. Naquela época que eu não assistia aula, eu passava a manhã inteira na biblioteca”.

A questão referente à forma como aproveitam o tempo livre obteve as seguintes respostas: Leonardo aproveita para praticar esportes e compor ou tocar músicas. Guilherme aproveita para ler e escrever, embora esteja tentando controlar isso. Seu impulso pela leitura é tão forte que, segundo ele próprio, acaba se tornando um pouco anti-social devido a isto.

O que fez um irmão continuar sendo um leitor assíduo e o outro perder o interesse pela leitura no meio caminho? É uma questão delicada. Na verdade, Leonardo ainda se considera um leitor. Ele costuma ler diariamente o jornal, nem que seja somente “os quadrinhos e a seção de esportes”. Mas seu irmão, Guilherme, me contou que o Leonardo lê muito mais do que isso. Segundo relato do irmão mais velho, o Leonardo gosta de ler aquilo que ele tem vontade, no momento que ele tem vontade. Ele simplesmente não suporta ler por obrigação.

Pela conversa que tivemos, percebi no Leonardo uma cultura incrível. Ele é um garoto muito em dia com as questões atuais, além de se expressar extremamente bem. Ele acha que o irmão mais velho, o Guilherme, só não deixou de gostar de ler porque ele

“fugiu dos professores” durante muito tempo ao longo da fase escolar. “O Guilherme nunca assistia as aulas. Ele só respondia a chamada e vinha pra biblioteca.”.

Este relato pode mostrar o despreparo dos professores para o tratamento da leitura e mais: mostra o papel decisivo que o professor tem na formação do leitor; se o professor não tiver um bom preparo, ele pode acabar com o gosto que um indivíduo poderia ter pela leitura. A maneira como a leitura é trabalhada em sala de aula nas séries mais avançadas do Ensino Fundamental e ao longo do Ensino Médio, pode, certamente, destruir tudo o que foi construído durante as etapas escolares nos anos iniciais. Mais uma vez, reforço a minha opinião de que, se a leitura não for trabalhada depois da infância de forma a manter no adolescente o prazer que ele tinha pela leitura enquanto criança, de nada vale pensar que uma criança leitora tornar-se-á um adolescente leitor e, conseqüentemente, será um leitor para o resto de sua vida.

Após as perguntas propriamente ditas, pedi que os alunos lessem 5 trechos de textos de grandes autores brasileiros, sem revelar para eles de quem eram aqueles textos. Os autores escolhidos foram: Machado de Assis, José de Alencar, Mário de Andrade, Clarice Lispector e Luís Fernando Veríssimo. Solicitei que os alunos colocassem os textos numa ordem de preferência.

Todos, sem exceção, colocaram o texto do Veríssimo em primeiro lugar. Acharam a linguagem fácil, se identificaram com o contexto, acharam o texto engraçado. Macunaíma foi o que teve a menor taxa de aprovação. Todos o consideraram o texto mais difícil, “meio esquisito”, segundo Luana.

A ordem de preferência ficou a seguinte:

LUANA	LEONARDO	GUILHERME
1. Luís Fernando Veríssimo	1. Luís Fernando Veríssimo	1. Luís Fernando Veríssimo
2. Machado de Assis	2. José de Alencar	2. Clarice Lispector
3. Clarice Lispector	3. Clarice Lispector	3. José de Alencar
4. José de Alencar	4. Machado de Assis	4. Machado de Assis
5. Mário de Andrade	5. Mário de Andrade	5. Mário de Andrade

Não surpreende o fato de Luís Fernando Veríssimo ter sido, por unanimidade, o primeiro colocado. Os adolescentes preferem leituras que tenham a ver com a sua realidade, com o seu dia-a-dia, com as suas vivências e as suas experiências. Querer forçá-los a ler livros que apresentem uma realidade antiga, desatualizada, nas séries intermediárias do ensino fundamental não irá contribuir para despertar nos jovens o gosto pela leitura.

Os adolescentes serão cativados, serão conquistados enquanto leitores, se tiverem acesso a textos agradáveis no início do processo de formação de leitor. Dessa forma, eles poderão adquirir amadurecimento e compreensão dos fatos históricos que influenciaram as obras literárias, assimilando o contexto daquela época e a tendência é que estejam mais receptivos a estas obras nas séries finais do Ensino Médio.

6 CONCLUSÕES

A realização deste estudo proporcionou um contato direto com uma realidade alarmante. É impossível ter uma noção exata do que significa a falta de leitura numa sociedade, a partir de dados puramente estatísticos. As pessoas não são números e apenas quantificar esses dados não fará com que esta realidade mude.

Percebi uma acomodação por parte de alguns dos alunos com quem conversei, mas estes são as principais vítimas de políticas educacionais autoritárias mas ainda vigentes. A falta de estímulo para um raciocínio crítico desde o início da escolaridade, não permite a formação de um cidadão crítico, ativo e participante. Isto porque o raciocínio crítico incomoda o professor, “atrapalha o andamento da aula” e, aos poucos, os alunos vão se calando mais e incorporando uma atitude passiva. A grande tendência é que se tornem cidadãos acomodados, insatisfeitos, porém sem estrutura, sem base para lutarem pelos seus direitos, quer seja o direito à saúde, ao trabalho, à alimentação, e muito menos o direito à cultura, o direito à educação e o direito à informação.

Por outro lado, os professores não podem ser considerados os grandes vilões desta história. Eles próprios, em sua maioria, não tiveram o preparo adequado para estarem numa sala de aula e, por não serem leitores, muitas vezes não percebem a importância que têm em formar futuros leitores e, alguns, não percebem sequer a importância da leitura! Muitos se prendem em questões financeiras e a sua insatisfação com este aspecto, acaba se refletindo no "quadro-negro". Entretanto, na sociedade em que vivemos, eles não podem ser condenados por isso...

Ainda assim, uma parcela desses jovens possui o senso crítico do qual falávamos anteriormente. E é possível perceber a tristeza no seu tom de voz, ao me dizerem que não gostam de ler. Eles sabem a importância que tem a leitura, aliás, 100% dos entrevistados percebem isso, mas não tiveram a oportunidade de ter um contato prazeroso com a leitura e sabem as conseqüências que isso vai ter ao longo da sua vida.

Através do estudo realizado, conclui-se que é possível iniciar um processo de desenvolvimento pelo gosto da leitura em todas as idades, apesar de que este processo pode ser mais facilitado nos primeiros anos de vida, quando o indivíduo ainda vive num mundo lúdico e busca alimento para isso nas histórias dos livros infantis.

Ainda assim, para que o gosto pela leitura se consolide, de fato, naquele indivíduo, fazendo com que ele se torne consciente da importância disso na sua vida, e busque a leitura como uma fonte de lazer e informação, é preciso continuar trabalhando o incentivo pela leitura nas idades mais avançadas.

Pelo que foi constatado, a maioria dos adolescentes que tiveram incentivo apenas nas séries iniciais, não (grifo nosso) mantiveram o gosto pela leitura e sequer continuaram sendo leitores.

Para que seja possível perceber alguma mudança, precisaríamos mudar a maneira como a leitura é trabalhada na escola, eliminando o caráter de obrigação que ela adquiriu ao longo o tempo, e transformando-a em uma atividade prazerosa, numa forma de lazer, independente da faixa etária em que se encontre o sujeito. E isso só é possível com dedicação dos educadores e dos pais, ou dos modelos que aquele adolescente tem ao seu redor.

Quando o aluno consegue romper as barreiras da escola, não buscando na leitura apenas a nota do trimestre ou do bimestre, mas entendendo a importância da leitura na

sociedade da informação, aí sim ele pode ser considerado um leitor para toda a vida. Mas, para chegarmos neste ponto, de formar cidadãos leitores ainda no Ensino Fundamental, precisaríamos mudar as políticas educacionais adotadas por alguns professores, já que eles são peças fundamentais nesta transformação.

Os professores precisam compreender que os estudantes têm direito ao pensamento crítico, a um posicionamento perante os fatos (por mais simples que estes possam parecer) e devem estimular isso, seja na criança, seja no adolescente, seja no aluno adulto. É na escola que devemos formar o cidadão, crítico, consciente, responsável, atualizado.

Através do estudo realizado é importante ressaltar, mais uma vez, a importância que os pais têm na formação do leitor. Não podemos deixar esta questão, tão importante, apenas nas mãos dos professores. Os pais precisam acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos, não só na escola, mas na vida. Muitos adolescentes estão sem rumo devido à falta de uma estrutura familiar consistente. Falta diálogo, falta aproximação, falta atenção e muitos jovens sentem essa falta. Com os alunos que conversei, muitos colocaram esta participação fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

É preciso que haja uma interação entre os pais e os filhos, e os livros podem ser a ponte para que esta interação ocorra. Ter materiais de leitura em casa, ler os mesmos livros que os filhos estão lendo, ler em voz alta com eles, ler piadas para eles, ler histórias, notícias, poesias, presenteá-los com livros. Estas são algumas opções para que a construção dessa ponte possa ser iniciada.

Por fim, o lado bom da moeda! Através deste estudo, pude perceber que nem tudo está perdido. Existem ainda professores conscientes de suas responsabilidades, amantes da leitura, conhecedor da importância que ela têm. Existem ainda jovens com vontade de

aprender, e que buscam este aprendizado através dos livros, através da leitura; jovens que já são leitores e jovens que estão dispostos a se tornarem leitores, e que só precisam de um empurrãozinho, de alguém que lhe mostre o lado prazeroso da leitura, de um modelo de leitor.

Uma coisa é certa: a leitura tem o seu valor e todos reconhecem isso! A partir daí, não podemos jamais perder a esperança de que, algum dia, o índice de leitores será mais alto, existirão menos analfabetos, os jovens terão pensamento crítico e ativo e a cultura do nosso povo poderá mudar e nós também seremos uma nação de leitores!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. P. 13-15.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Ática; UNESCO, 1987.

BARRY, Arlene L. **Reading Strategies Teachers Say They Use**. Disponível em: <<http://www.reading.org/publications/jaal/barry.html>>. Acesso em: 17 maio 2004.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COMICS for Young readers. Disponível em: <<http://ublib.buffalo.edu/libraries/units/lml/comics/pages/reading.html>>. Acesso em: 2 maio 2004.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca Pública é Biblioteca Escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.11, n.1/2, p. 9-15, jan./jun. 1978.

FOCUS on adolescent literacy. Disponível em: <<http://www.reading.org/focus/adolescent.html>>. Acesso em: 3 maio 2004.

FOCUS on technology. Disponível em: <<http://www.reading.org/focus/tech.html>>. Acesso em: 05 jun. 2004.

FRAGOSO, Maria da Graça. A Biblioteca na Escola. **Dois pontos: teoria e prática em Educação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 39, nov./dez. 1998, p. 39-42.

_____. Formando o Leitor: livro, biblioteca e primeira infância constituem a trilogia do afeto. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 18, n. 71, jul./set. 2002, p. 5-8.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 1983. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

GETTING teenagers to read. Disponível em:

<<http://www.mohonasen.org/03parents/HSParent/teens2read.htm>>. Acesso em: 3 maio 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura**: ensino e pesquisa. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LUFT, Celso Pedro. **Mini Dicionário Luft**. 4ª ed. São Paulo: Ática, (1997?).

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Biblioteca escolar. **Teoria & Fazeres**: caminhos da educação popular, Gravataí, n. 1, p. 12-14, 1998.

REDES, Luís Filipe. **Leitura e Escrita**: dificuldades de aprendizagem. Disponível em: <<http://www.terravista.pt/Bilene/1524/leitura.html>>. Acesso em: 05 jun. 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**: fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez / autores associados, 1987.

_____. **A Produção da Leitura na Escola**: pesquisas e propostas. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Maurício da. **Repensando a Leitura na Escola**: um outro mosaico. Niterói, RJ: Eduff, 1995.

SOUZA, Maria S. de. **A Conquista do Jovem Leitor**: uma proposta alternativa. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1998.

SUMMER reading and learning for children. Disponível em:

<<http://www.ala.org/ala/alsc/alscresources/summerreading/summerreading.htm>>. Acesso em: 2 maio 2004.

TEENAGERS and reading. Disponível em:

<<http://www.rif.org/parents/articles/teens.msp>>. Acesso em: 2 maio 2004.

WORTHY, Jo, MOORMAN, Megan, TURNER, Margo. What Johnny likes to read is hard to find in school. **Reading Research Quarterly**, v. 34, n. 1, p. 12-27. Disponível em: <<http://www.catchword.com/ira/00340553/v34n1/contp1-1.htm>>. Acesso em: 17 maio 2004.

Apêndices

APÊNDICE A – Entrevista Primeira Fase

ENTREVISTA Semi-Estruturada – 1ª FASE

Idade:

Sexo: () masculino () feminino

Série:

Turno:

É sócio da biblioteca? () sim () não

Profissão dos pais:

- ✓ Você gosta de ler? Por quê?
- ✓ Você acha importante gostar de ler?
- ✓ Com que idade você começou a ler?
- ✓ Qual o seu gênero favorito?
- ✓ Você sente alguma dificuldade para ler? Qual?
- ✓ Você costuma ler mais por iniciativa própria (prazer) ou por que a escola solicita (obrigação)?
- ✓ O que você faz no seu tempo livre?
- ✓ Os seus pais lêem em casa? Quem lê mais: o pai ou a mãe? Caso sim, eles costumam ler por lazer ou por obrigação do trabalho profissional?
- ✓ Que tipo de material eles costumam ler? (livros, jornais, revistas, etc.)
- ✓ Na sua casa, existem materiais de leitura à sua disposição? Que tipo?
- ✓ Se não existe o material onde buscam?
- ✓ Quando você era menor, quem estimulava em você o gosto pela leitura?
- ✓ Você costuma freqüentar a biblioteca da escola? E a biblioteca pública?
- ✓ Você costuma encontrar o material que procura na(s) biblioteca(s)?
- ✓ Como é o tratamento do pessoal da biblioteca? (eles te ajudam a escolher livros, são atenciosos etc.)
- ✓ Os seus professores incentivam a leitura? (por exemplo: existem atividades que promovam a leitura, ou que trabalhem a leitura de forma prazerosa?). Caso sim, de que forma?
- ✓ Os professores indicam a Biblioteca da Escola para a escolha de livros?

- ✓ Na sua opinião, de que outras maneiras a leitura poderia ser estimulada?
- ✓ Para concluir, qual o último livro que você leu e quanto tempo fez? Gostou? Por quê?

APÊNDICE B – Entrevista Segunda Fase

ENTREVISTA Semi-Estruturada – 2ª FASE

Nome:

Idade:

Série:

Turno:

- ✓ Quando você era menor, você gostava de ler?
- ✓ Quem mais te incentivava?
- ✓ Até que idade você lia bastante?
- ✓ Como era a sua relação com os professores de literatura? E com o de português?
- ✓ Como era o seu desempenho nessas matérias?
- ✓ E hoje em dia, como é a sua relação com os professores dessas matérias? (você gosta da maneira como a matéria é lecionada, do tratamento que o professor dá aos alunos, a maneira como a leitura é tratada etc.?)
- ✓ Na sua opinião, o que fez você perder o interesse pela leitura?
- ✓ Você presenciou ou vivenciou alguma situação em que o ambiente da biblioteca tenha sido utilizado como forma de castigo, devido a um comportamento inadequado em sala de aula, ou por não ter feito determinado tema etc.
- ✓ Como você aproveita o seu tempo livre? (para os que trabalham)
- ✓ Você consegue encarar a leitura como uma forma de lazer ou só como uma obrigação?
- ✓ Com relação aos textos abaixo, como você classificaria a sua ordem de preferência

(começando pelo que mais lhe agrada, até o que menos te agrada).

- Texto 1: “Não tardou que a notícia de menina bonita de Santa Teresa se divulgasse entre certa roda de moços que não se contentam com as rosas e margaridas dos salões, e cultivam também com ardor as violetas e cravina das rótulas. A solitária e plácida rua animou-se com um trânsito desusado de tálburis e passadores a pé, atraídos pela graça da flor modesta e rasteira, que uns ambicionavam colhêr para a transplantar ao turbilhão do mundo, outros apenas se contentariam de crestar-lhe a pureza, abandonando-a depois à miséria.” (“Senhora”, de José de Alencar. Parte 2, capítulo 3)
- Texto 2: “Fui para o seminário. Poupa-me as outras despedidas. Minha mar apertava-me ao peito. Prima Justina suspirava. Talvez chorasse mal ou nada.

Há pessoas a quem as lágrimas não acodem logo nem nunca; diz-se que padecem mais que as outras. Prima Justina disfarçava naturalmente os seus padecimentos íntimos, emendando os descuidos de minha mãe, fazendo-me recomendações, dando ordens. Tio Cosme, quando eu lhe beijei a mão em despedida, disse-me rindo: ‘– Anda lá, rapaz, volta-me papa!’.” (“Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Capítulo 53: A caminho!)

- Texto 3: “No outro dia o herói acordou muito constipado. Era porque apesar do calorão da noite ele dormira de roupas com medo da Caruviana que pega indivíduo dormindo nu. Mas estava muito ganjento com o sucesso do discurso da véspera. Esperou impaciente os quinze dias da doença resolvido a contar mais casos pro povo. Porém quando se sentiu bom era manhãzinha e quem conta história de dia cria rabo de cotia. Por isso convidou os manos pra caçar, fizeram.” (“Macunaíma”, de Mário de Andrade. Capítulo 11: A velha Ceiuci)
- Texto 4: “Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.” (“Laços de Família”, de Clarice Lispector – Uma galinha)
- Texto 5: “Sala de espera de dentista. Homem dos seus quarenta anos. Mulher jovem e bonita. Ela folheia uma *Cruzeiro* de 1950. ele finge que lê uma *Vida dentária*.
 Ele pensa: que mulherão. Que pernas. Coisa rara, ver pernas hoje em dia. Anda todo mundo de jeans. Voltamos à época em que o máximo era espiar um tornozelo. Sempre fui um homem de pernas. Pernas com meias. Meias de náilon. Como eu sou antigo. Bom era o barulhinho. Suish-suish. Elas cruzavam as pernas e fazia suish-suish. Eu era doido por um suish-suish.
 Ela pensa: cara engraçado. Lendo a revista de cabeça para baixo.
 Ele: te arranco a roupa e te beijo toda. Começando pelo pé. Que cena. A enfermeira abre a porta e nos encontramos nus sobre o carpete, eu beijando um pé. O que é isso?! Não é o que a senhora está pensando. É que entrou um cisco no olho desta moça e eu estou tentando tirar. Mas o olho é na outra ponta! Eu ia chegar lá. Eu ia chegar lá!
 Ela: ele está olhando as minhas pernas por baixo da revista. Vou descruzar as pernas e cruzar de novo. Só para ele aprender.
 Ele: ela descruzou e cruzou de novo! Ai meu Deus. Foi pra me matar. Ela sabe bque eu estou olhando.” (“Comédia da Vida Privada”, de Luís Fernando Veríssimo – Sala de Espera)

CARTILHA PARA PAIS E MESTRES

Incentivando o Gosto pela Leitura

Os pais possuem papel fundamental na formação do leitor, por serem eles os principais modelos que as crianças e os jovens podem ter. Porém, muitas vezes falta-lhes a conscientização do seu importante papel. Muitos pais pensam que esta é uma responsabilidade única e exclusiva da escola, mais especificamente, dos professores de português e literatura, e não dão a devida atenção à leitura em seus lares.

Em outros casos, os próprios pais não são leitores, não possuem materiais de leitura em casa, e não percebem a importância que a leitura tem na sua vida e na vida de seus filhos.

Aqueles pais que deixam esta responsabilidade única e exclusivamente nas mãos dos professores não sabem que, muitas vezes, nem mesmo o professor possui a formação ideal para trabalhar a leitura. O que muitos ensinam é a leitura mecânica, a leitura obrigatória, a leitura

pela nota. São raros os que buscam na leitura o prazer pela arte de ler, pelo descobrimento de novos horizontes.

Os alunos, conseqüentemente, acabam não se interessando mais pelos livros ou outros materiais de leitura, quando saem da escola. Muitos ficam com essa marca desgostosa da leitura por obrigação, durante o resto da vida. A tendência é que estes jovens também não transmitam o gosto pela leitura para os seus descendentes, entrando num ciclo vicioso, no chamado “efeito dominó”, criando uma geração de não-leitores.

Esta Cartilha foi criada para despertar os pais e os professores para este assunto! Foram compiladas dicas de diversas instituições que trabalham em prol do gosto pela leitura. Através delas, os pais podem trabalhar a leitura com os seus filhos, independente da sua idade, auxiliando na formação de futuros leitores e transformando, a si mesmo, em um bom leitor.

Já os professores, de qualquer disciplina, também têm essa oportunidade, caso ainda não tenham despertado para o gosto pela leitura, e podem utilizar estas dicas nas atividades pedagógicas do ensino à leitura.

Vamos arregaçar nossas mangas e botar a mão na massa. Não podemos mais simplesmente não fazer nada!

Se cada um fizer a sua parte, seja na sua casa ou em sala de aula, veremos, ainda que aos poucos, as mudanças acontecerem!

Boa sorte!

TRABALHANDO A LEITURA COM OS ADOLESCENTES

Os adolescentes muitas vezes possuem tantos outros interesses, que podem acabar não fazendo da leitura uma das prioridades nas suas vidas. O tempo livre da maioria dos jovens é aproveitado com os amigos, com esportes, com a televisão ou o videogame, com a música, entre tantos outros. Fazer com que os adolescentes leiam ainda é um desafio para muitos pais e professores. As dicas a seguir, podem ajudá-los a encorajarem seus filhos ou alunos a lerem mais, transformando-os em leitores para toda a vida. Anote aí:

DICAS QUE VALEM OURO!

- ❖ Mantenha materiais de leitura em todos os cômodos da casa;
- ❖ Os professores podem ter materiais na sala de aula (p. ex.: revistas e/ou jornais, que os próprios alunos podem levar. Podem ser bons materiais para o aluno ler enquanto espera a aula começar. E também para os professores, que pode mostrar exemplos atuais conforme o tema que estejam trabalhando.)
- ❖ Ouça livros gravados em fita no seu carro;
- ❖ Peça que os seus filhos mais velhos leiam para os filhos mais novos;
- ❖ Vá à bibliotecas e/ou livrarias com os seus filhos;
- ❖ Professores, acompanhem seus alunos à biblioteca; converse com o bibliotecário;
- ❖ Peça dicas de leitura ao bibliotecário;
- ❖ Estabeleça um momento de leitura em família, permitindo que os seus filhos leiam o que eles quiserem;
- ❖ Leia os mesmos materiais que os seus filhos estão lendo, e façam comentários sobre eles juntos.
- ❖ Leia em voz alta para os seus filhos, compartilhando notícias do jornal ou de revistas, poemas, piadas, etc.;
- ❖ Peça aos alunos lerem trechos pequenos de um texto em voz alta. Desta maneira, todos praticam a leitura e ninguém poderá reclamar que leu muito. Imagine o texto com uma colcha de retalhos, onde cada trecho que um aluno lê, irá completando a colcha como um todo! Faça isso de uma forma dinâmica, de modo que prenda a atenção do aluno.
- ❖ Visite a biblioteca da escola do seu filho e/ou a Biblioteca Pública da sua cidade.
- ❖ Presenteie seus filhos com livros!

O VALOR DOS QUADRINHOS

- Dão assistência aos leitores mais fracos: as histórias em quadrinhos são excelentes ferramentas para serem usadas com crianças e adolescentes fracos em leitura.
- Desenvolvimento de qualidades lingüísticas: diversos estudos mostraram que alunos que lêem quadrinhos regularmente, possuem um vocabulário melhor e estão mais propensos a lerem materiais de níveis superiores.
- Estimulam os leitores para explorarem outras literaturas: muitos leitores de quadrinhos se transformam em ávidos leitores de livros.
- Conexões visuais: cada pessoa possui uma maneira diferente de aprender, e as histórias em quadrinhos podem ser muito boas para aquelas pessoas que aprendem melhor visualmente.
- Estimulam leitores desmotivados e sonolentos: histórias em quadrinhos são ideais para desenvolver o interesse e o prazer pela leitura.
- Transmitem mensagens educacionais: agências governamentais, militares, museus e outras organizações não-governamentais, usaram durante muito tempo quadrinhos educacionais para alcançar um grande público.

APÊNDICE D – Quem lê o quê?

QUEM LÊ O QUÊ?

Estudando Literatura de Trás pra Frente

...ARUTARETIL

Na Antiguidade, Platão dizia que a Literatura consistia na imitação da realidade. Já Aristóteles costumava dizer que “Literatura é a arte que cria, pela palavra, uma imitação da realidade”.

Na Era Moderna, até o século XVIII, a palavra Literatura era usada com o sentido de **gramática**. Só depois do século XVIII a literatura veio a ser considerada como arte.

No texto literário, as regras tradicionais da gramática são muitas vezes quebradas ou transformadas, em função da mensagem que se deseja transmitir. Desta maneira, o artista pode construir um texto passível de diversas interpretações e sentidos, cabendo ao leitor carregá-lo de sentido e sentimento, ou não. A beleza e a força da literatura reside em sua capacidade de instigar o leitor e desafiá-lo, como em um jogo.

A obra literária possui características peculiares e que devem ser trabalhadas com bastante atenção. Cada período da literatura, ou cada escola literária, possui um estilo diferenciado, influenciado pelo período histórico de cada época.

Muitas vezes, o jovem que se encontra nas séries escolares iniciais não possui ainda a capacidade de compreensão dos períodos históricos, no que diz respeito ao panorama histórico-social, que influenciaram grandes obras literárias. Esta compreensão virá, teoricamente, com o

amadurecimento do indivíduo não só enquanto estudante, mas também enquanto pessoa.

Para verificar este fato, foi realizado um teste com três alunos do ensino fundamental e médio, de um colégio estadual de Porto Alegre:

- ALUNO A, da 7ª série do Ensino Fundamental;*
- ALUNO B, da 3ª série do Ensino Médio;*
- ALUNO C, da 3ª série do Ensino Médio.*

Estes alunos receberam cinco textos de diferentes autores, sem que lhes fosse indicado o autor de cada texto, e foi solicitado que eles colocassem os textos em ordem de preferência. Todos elegeram o autor mais moderno como preferido. Consideraram sua leitura fácil, se identificaram com o contexto, além de terem achado o texto engraçado. Tratava-se de um texto de Luís Fernando Veríssimo.

Os outros autores colocados foram: Machado de Assis, José de Alencar, Mário de Andrade e Clarice Lispector.

Logo a baixo, segue o quadro com a respectiva ordem de preferência dos alunos.

ALUNO A	ALUNO B	ALUNO C
1. Luís Fernando Veríssimo	1. Luís Fernando Veríssimo	1. Luís Fernando Veríssimo
2. Machado de Assis	2. José de Alencar	2. Clarice Lispector
3. Clarice Lispector	3. Clarice Lispector	3. José de Alencar
4. José de Alencar	4. Machado de Assis	4. Machado de Assis
5. Mário de Andrade	5. Mário de Andrade	5. Mário de Andrade

Na tabela a seguir, veremos algumas características das obras destes autores e assim poderemos compreender melhor a escolha dos alunos entrevistados.

AUTOR	CARACTERÍSTICAS	
José de Alencar (1829-1877)	<ul style="list-style-type: none"> o Romancista; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Romances urbanos (Rio de Janeiro no Segundo Império) ▪ Romances indianistas (personagens indígenas marcados pelas qualidades morais, pela honra e pela pureza); ▪ Romances regionalistas (do sul, do nordeste e da área rural fluminense); ▪ Romances históricos (lutas pela posse da terra e pelas riquezas brasileiras; aventuras dos bandeirantes; conflito 	<ul style="list-style-type: none"> entre brasileiros e portugueses). o Linguagem rica e poética; o Sua obra traduz particularidades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro; o Utiliza termos em tupi-guarani; o Estilo declamatório, ao gosto da época; o Literatura verdadeiramente nacional;
Machado de Assis (1839-1908)	<ul style="list-style-type: none"> o destacou-se como ficcionista, embora tenha cultivado quase todos os gêneros literários; o Deu início à fase do Realismo no Brasil, com sua obra <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>; o Poesia romântica: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Subjetividade, emoção, lirismo, forte sentimento nacionalista; o Poesia Parnasiana: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Preocupação com a métrica e a rima; ▪ Linguagem apurada; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Exaltação ao conceito de “arte pela arte”; o Prosa <ul style="list-style-type: none"> ▪ Características românticas; ▪ Alguns traços de estudos de caracteres; ▪ Analisa profundamente o ser humano, especialmente os cariocas; ▪ Visão profunda da realidade interior e do seu aspecto moral; ▪ Pessimismo, ironia amarga, humorismo; ▪ Interrupções na ordem linear das narrativas.
Mário de Andrade (1893-1945)	<ul style="list-style-type: none"> o O “papa” do modernismo; o Textos com “caráter de missão”, a serviço da renovação cultural e política do país; o Obra com traços de modernidade; o Obra poética: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sua obra resume os ideais da Semana de Arte Moderna (quebra das tradições, e desvio sistemático das estruturas consagradas); ▪ Expressões coloquiais, ironia, simultaneísmo; ▪ Principal característica: originalidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Forte nacionalismo (uso de elementos do folclore e da paisagem nacional); o Prosa: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Linguagem peculiar, histórias do cotidiano o Romance <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Amar, verbo intransitivo</i>; ▪ <i>Macunaíma</i>: folclore brasileiro, tentativa de traçar um panorama brasileiro; lendas, provérbios, superstições; uso arbitrário das noções de espaço e tempo
Clarice Lispector (1925-1977)	<ul style="list-style-type: none"> o Escritora metafísica, romancista e contista; o Voltada para o interior das personagens; o Obra revolucionária no conteúdo e na forma; o Despreza a linearidade do enredo; o Uso de metáforas insólitas; 	<ul style="list-style-type: none"> o fluxo da consciência; o ruptura com a seqüência narrativa (enredo dando ênfase ao mergulho na memória, na subjetividade, no inconsciente); o a busca do eu, da descoberta das ilusões do cotidiano
L. F. Veríssimo (1936-)	<ul style="list-style-type: none"> o cronista; o grande humorista; o explora em suas crônicas a sátira. 	

É possível observar que as obras mais modernas são menos complexas, devido ao fato de utilizarem uma linguagem mais atualizada, com a qual os adolescentes têm uma familiaridade. Já as obras mais antigas, requerem uma profunda análise para a sua total compreensão, análise esta que pode ainda não estar ao alcance da compreensão da maioria dos jovens.

Os professores de diferentes matérias poderiam trabalhar juntos a Literatura. De que maneira? Sincronizando os conteúdos. Por exemplo: se o professor de Literatura for ensinar sobre o Período do Humanismo, o professor de História poderia ensinar o mesmo período, situando o aluno no panorama histórico, e o professor de Geografia também poderia trabalhar a mesma época, dando uma noção social e geográfica daquele contexto. Acredito que, desta forma, facilitaria a compreensão do aluno não apenas para a Literatura, mas também para as outras disciplinas.